ILUSTRAÇÃO

1-Setembro-1932 N.º 17 — 7.º Ano Preço-5 esc.

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA

LIVRARIA BERTRAND

LISBOA

A saír brevemente o XXXVI tomo

A MAIS BELA OBRA ATÉ HOJE EDITADA EM PORTUGAL

PREÇOS INCLUINDO EMBALAGENS REFORÇADAS

CONTINENTE E ILHAS

Assinatura especial de cada número saído mensalmente e pelo correio contra o reembolso (só para o continente e ilhas) . . . . . 11$50

	3 meses	6 meses	1 ano
Assinatura (pagamento adiantado)	30$00	59$00	118$00
		REGISTADO	
ÁFRICA ORIENTAL, OCIDENTAL E ESPANHA	34$50	67$00	132$00
ÍNDIA, MACAU E TIMOR	36$00	79$00	138$00
ESTRANGEIRO	37$00	72$00	142$00

Cada tomo avulso, não incluindo porte e embalagem . 10$00

HISTÓRIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA

PUBLICADA SOB A DIRECÇÃO DE

ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO

Da Academia das Sciências de Lisboa

ALGUNS DOS PRINCIPAIS COLABORADORES

AFONSO LOPES VIEIRA, escritor.
AFONSO DE DORNELAS, da Academia das Sciências de Lisboa.
AGOSTINHO DE CAMPOS, da Academia das Sciências, professor.
AGOSTINHO FORTES, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
ALVARO NEVES, escritor, Conservador da Biblioteca do Congresso da Rèpública.
ANTÓNIO BAIÃO, da Academia das Sciências, director do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.
AUGUSTO GIL, da Academia das Sciências, director geral das Belas Artes.
BRITO CAMACHO, escritor.
CARLOS MALHEIRO DIAS, da Academia das Sciências, escritor, director da *História da Colonisação do Brasil*.
CRISTOVÃO AIRES, secretário geral da Academia das Sciências de Lisboa.
COELHO DE CARVALHO, da Academia das Sciências de Lisboa.
EUGÉNIO DE CASTRO, da Academia das Sciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA, da Academia das Sciências, director do Arquivo Histórico Militar.
GUALDINO GOMES, director interino da Biblioteca Nacional de Lisboa.
HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA, da Academia das Sciências de Lisboa, professor da Escola de Belas Artes.
HENRIQUE DE VILHENA, da Academia das Sciências de Lisboa, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, director do Instituto de Anatomia.
JOÃO DE BARROS, da Academia das Sciências de Lisboa, director geral da Instrução Primária, professor.
JOÃO LÚCIO DE AZEVEDO, da Academia das Sciências de Lisboa.
JOAQUIM DE CARVALHO, da Academia das Sciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras, director da Biblioteca e Administrador da Imprensa da Universidade de Coimbra.
JOAQUIM LEITÃO, da Academia das Sciências de Lisboa.
JORDÃO DE FREITAS, director da Biblioteca da Ajuda-Lisboa.
JOSÉ DE FIGUEIREDO, da Academia das Sciências, director do Museu Nacional de Arte Antiga.
JOSÉ JOAQUIM NUNES, da Academia das Sciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS, da Academia de Sciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, director do Museu Ethnologico.
JOSÉ MARIA DE OLIVEIRA SIMÕES, da Academia das Sciências de Lisboa, antigo professor da Escola de Guerra.
JOSÉ MARIA RODRIGUES, da Academia das Sciências, professor de estudos camonceanos na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
JÚLIO DANTAS, Presidente da Classe de Letras da Academia das Sciências, Inspector das Bibliotecas e Arquivos Nacionais, Director da Escola de Arte de Representar.
LUIS XAVIER DA COSTA, da Academia das Sciências de Lisboa, Presidente da Associação dos Arqueólogos.
MANUEL DE OLIVEIRA RAMOS, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
MANUEL DA SILVA GAIO, da Academia das Sciências de Lisboa, antigo Secretário Geral da Universidade de Coimbra.
MARTINHO AUGUSTO DA FONSECA, da Academias das Sciências de Lisboa.
MOSES BENSABAT AMZALACK, da Academia das Sciências de Lisboa, professor do Instituto Superior do Comércio de Lisboa.
F. M. LARANJO COELHO, da Academia das Sciências de Lisboa, Conservador do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Director da Secção de Diplomática da Associação dos Arqueólogos.
QUEIRÓS VELOSO, da Academia das Sciências de Lisboa, Director da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
REINALDO DOS SANTOS, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.
RICARDO JORGE, da Academia das Sciências, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, Director Geral da Saúde Pública.
S. COSTA SANTOS, escritor.

EDIÇÃO MONUMENTAL

A HISTORIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA

(FORMATO 32 × 25)

EM TOMOS MENSAIS DE 32 PÁGINAS,
ÓTIMO PAPEL COUCHÉ,
MAGNIFICAMENTE ILUSTRADOS

E CONTERÁ

biografias completas, retratos, vistas, costumes, monumentos, rostos de edições raras, manuscritos, miniaturas e fac-similes de autógrafos, em soberbas gravuras, algumas das quais *HORS TEXTE*, a côres.

CONSTITUINDO

um precioso album em que pela primeira vez, entre nós, se reúne uma tão completa e curiosissima documentação gráfica.

ARTIGOS DE ESPECIALISADOS PROFESSORES E LITERATOS DE NOME CONSAGRADO

CADA TOMO... ... ... 10$00

ACABA DE SAÍR
a 7.ª edição, revista

O último olhar de Jesus

POR

ANTERO DE FIGUEIREDO

1 vol. de 375 págs., brochado . . . **12$oo**
Encadernado . . . . . **16$oo**

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

CONSELHOS PRÁTICOS

PARA DISSOLVER O OIRO

Para uma parte de aparas, pequenos restos, etc., pôr duas partes de ácido cloridrico e uma parte de agua distilada. Pôr ao fogo até completa dissolução do oiro, fazer evaporar o ácido, e ter-se-á assim o oiro cristalizado. Para ter um bom cloreto de oiro é preciso empregar três partes de ácido cloridrico para duas de ácido nitrico.

ILUSTRAÇÃO
Propriedade da Livraria Bertrand, Ltd.ª
Editor: Francisco Amaro
Composto e impresso na tipografia da Sociedade Gráfica Editorial, Rua da Alegria, 30 — Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

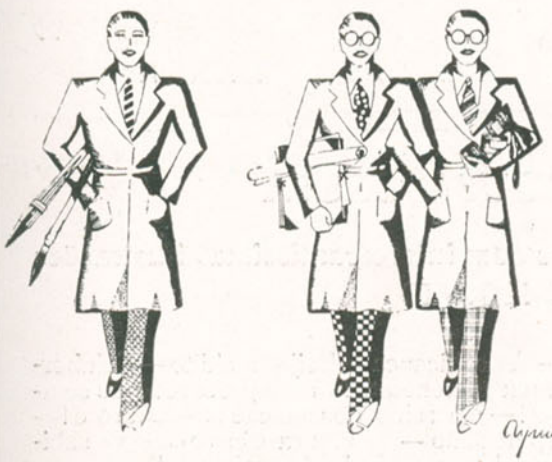
	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular. .	30$00	60$00	120$00
(Registada).	32$40	64$80	129$60
Ultramar Português	—	64$50	129$00
(Registada).	—	69$00	138$00
Espanha e suas colonias	—	63$00	126$00
(Registada).	—	67$50	135$00
Brasil.	—	66$00	132$00
(Registada).	—	75$00	150$00
Outros paises.	—	75$00	150$00
(Registada).	—	84$00	168$00

Administração — Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa

Visado pela Comissão de Censura

Embelezam, Rejuvenescem, Eternizam a mocidade! *Estojo com 7 amostras* **14$oo**, *pelo correio* **15$oo** — Peça-os ao seu fornecedor ou directamente á **Academia Scientifica de Beleza** — Av. da Liberdade, 35 — LISBOA

GRAVADORES
IMPRESSORES



TELEFONE 2 1368
BERTRAND IRMÃOS, L.DA
TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 LISBOA

O calor excessivo

do verão causa abatimento, pesadelos, mal estar geral e dôres de cabeça. A razão disso é a perturbação circulatória devida á excessiva pressão atmosférica. Estas molestias combatem-se eficazmente pela

CAFIASPIRINA

Alivia rapidamente as dôres, regularisa a circulação do sangue e proporciona uma sensação de bem estar e saude.

O produto BAYER de confiança!

UM DELICIOSO LIVRO PARA AS CRIANÇAS

O Pretinho de Angola

Original de CÉSAR DE FRIAS

Movimentada e educativa historieta, dividida em sete capítulos, com ilustrações sugestivas de ILBERINO DOS SANTOS

Algumas opiniões da crítica a respeito dêste livro:

«O apreciado autor de *Ao sôpro da Vida, Nossa-Senhora Eva, As grandes núpcias, Biblioteca das Noivas, Almas em flôr,* etc., espírito votado ao culto da mais sã literatura e que é um dos mais brilhantes estilistas da literatura de hoje, venceu ao escrever a novela infantil.»

(Da revista *Portugal Feminino*)

«César de Frias, poeta e romancista, crítico e erudito, soube escrever páginas adoráveis para os pequeninos...»

(Do *Diário de Notícias*)

«Obra de mestre e grande mestre, *O Pretinho de Angola.* Uma novela que as crianças hão-de apreciar muito e que honra o sr. César de Frias.»

(Das *Novidades*)

PREÇO: 5$00

A' venda na filial do "Diário de Notícias"

Largo de Trindade Coelho, 10 e 11—LISBOA

e em todas as livrarias

BIBLIOTECA DOS PEQUENINOS

"Trinta mil por uma linha"

POR **D. EMILIA DE SOUSA COSTA**

Acaba de aparecer este lindo livro de contos com interessantissimas ilustrações de ALFREDO DE MORAIS

O noivo infeliz—A cabicanca—Beijo maldito—Calubergriga—Oh! meu S. Benedito! Tanto procurou que sempre encontrou!—No reino dos macacos—Lauro é!—O galego espertalhão—A moura Cassima—O sabichão—O irmão burro—Maria da extravandia.

Preço 5$00

A' venda na Filial do DIARIO DE NOTICIAS, Largo de Trindade Coelho, 10 e 11

e em todas as livrarias

ESTÁ Á VENDA O

Almanach Bertrand

Fundado por Fernandes Costa e coordenado por D. Maria Fernandes Costa

UNICO NO SEU GENERO EM PORTUGAL

A mais antiga e de maior tiragem de todas as publicações em lingua portuguesa — **Recreativo, Ameno, Instrutivo** — Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros — Passatempo e Enciclopédia de conhecimentos úteis, colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos.

Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 441 gravuras, cartonado . . . . . 10$00
Encadernado luxuosamente . . . . . 18$00

34.º — ANO — 1933

Á VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Pedidos á LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A' venda a 3.ª edição

DE

ANDAM FAUNOS PELOS BOSQUES

POR

AQUILINO RIBEIRO

«Os descritivos do romance, que muitos são, insinuando-se-nos alguns na retina como paisagens de mestre, encontram parceiros condignos nos diálogos que o salpicam e em que é flagrante a naturalidade.» — *César de Frias.*

1 vol. de 356 páginas { brochado. . . . **12$00** / encadernado . **16$00**

À venda em todas as livrarias

Pedidos á
LIVRARIA BERTRAND
73 Rua Garrett, 75 — LISBOA

O MESTRE POPULAR
ou
O INGLÊS SEM MESTRE

Pronúncia, gramática, conversação, correspondência, literatura, ao alcance de tôdas as inteligências e de tôdas as fortunas

Adequado ao uso dos portugueses e dos brasileiros
por JOAQUIM GONÇALVES PEREIRA

8.ª EDIÇÃO

1 gr. vol. 560 pág. En. ..... Esc. 30$00

PEDIDOS À
S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

Como obter ideias lucidas e clareza de espirito

POR
G. VOGT

Manual completo para se vencer a preguiça da inteligência, a falta de energia, a fraqueza de espírito, a falta de memória, etc., etc., segundo os experimentados doutores *Haig, Cantani* e *Lévi*

1 VOLUME DE 154 PÁGINAS, BROCHADO, **7$00**

PEDIDOS À
LIVRARIA BERTRAND
73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

A' venda em tôdas as farmácias, drogarias e bôas mercearias em latas de:

100 grs. ao preço de 8$50
250 " " " " 16$00
500 " " " " 30$00

Dr. A. WANDER S. A. — Berne

Unicos concessionários para Portugal:

ALVES & C.ª (IRMÃOS) — Rua dos Correeiros, 41, 2.º — LISBOA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º TELEFONE: — 20535

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND, LTD.ª, RUA GARRETT, 73 E 75 — LISBOA

N.º 17 — 7.º ANO

1-SETEMBRO-1932

Crónica da Quinzena

O português em geral, o lisboeta em particular, não adoram a água.

Entendemos por adoração o grau supremo do amor, manifesto pelo anseio de confundir as duas substâncias, a do amante e a do amado. É o atractivo irreprimível, constante, de absorver, ou ser absorvido, a que todo o ser humano está sujeito. Êle se estabelece de pessoa a pessoa, ou desta para o que de animado, ou inanimado, desperta a vibração singular. Pressente-se no beijo, no abraço, na carícia ao animal estimado, na preferência por certo fruto, ou perfume, no deleite colhido ao contacto do ar, do sol, das águas correntes ou marinhas. Por muitas formas a natureza viva denuncia o desejo de encorporar, ou prover-se do que lhe falta, para suprir uma necessidade ou conquistar um prazer.

Assim considerando, se pode crer que o conterrâneo da Foz Tejo não adora, nem ama, nem gosta de conviver com a água.

Ao dizer conterrâneo, fala-se do multitudinário, do habitante por inteiro, depois de notar que o raro, a duzia e meia esparsa de Belém a Cascais, não invalida o conceito. Na costa mediterrânea quási todo o ano o corpo do habitante limítrofe pratica o mergulho com regalo, em número avultado. Em Maio, já o alemão de Berlim cobre tôda a areia das margens do Wansee, e chafurda na água escura, lodosa, ou suja, do lago. Cem mil, duzentos mil procuram o suave gôso do contacto líquido, sem atenderem à mácula, bem patente, na superfície remançosa.

No mês de Agôsto, num domingo quente, as praias lavadas pelo mar puríssimo, transparente, que dobra ondas langorosas de Pedrouços ao Estoril, não juntaram dez mil epidermes ávidas de frescor inebriante.

Não há que distinguir castas, nem categorias. Tôdas revelam desapêgo similar. O povo de chinela, o de bota de elástico, como o de sapato de seda, não sentem o amor fundo, ou adoração, que as gentes de alta e baixa qualidade, nascida àlém Pirineus, mostram pelo grande elemento. Não fôsse por os sábios o considerarem fonte perene da vida, e só porque regala os nervos sensíveis, também por adquirir tamanha beleza nos confins do ocidente, deveria merecer carinho, mesmo devoção. Acresce ainda, ao que inunda a costa lusa, a condição de pai da história, fabricante da epopeia que localisa dentro da humanidade, o nado e criado neste meridiano.

Muitos e valiosos se contam os motivos que nada pesam no coração português para o inclinarem ao amor do mar.

Vamos vendo.

De Belém à Cruz Quebrada pousam as classes dos mesteres, trabalhadores manuais, comércio miudo. Semeiam a areia de papeis gordurosos e cascas de melancia. As mulheres andam vestidas e chapinham, de saia arregaçada, as pernas até ao joelho. Sob o tôldo, onde acabaram de merendar, um valente moço beija a bonitona que tem ao lado e lhe responde com uma boa bolacha na bochecha, rindo de orelha a orelha. Outros dormem à sombra cálida da lona. Também há dos que ao sol pintam o costado. A empresa de contar quantos se acham em cada sector de areal, não levaria meia hora a uma peixeira habituada a vender quarteirões de sardinha.

Poucos e sossegados. O sussurro das vozes não cobre o marulho das águas. Parecem cançados. Não falam, nem se movem.

De Caxias à Parede banha-se o consumidor de orçamento público, em companhia da D. Fernanda e da menina Alice. Nota-se a comunicabilidade. As filhas do tenente-coronel Silva aceitam fala das Borges, com loja de calçado na Rua da Palma. Tôdas confessam o seu horror aos círculos fechados da Alta.

Vivacidade mediocre. Os rapazes banham-se em fato fôlha de parra; as raparigas sabem demonstrar que a classe média lisboeta mudou de constituição. A feia escalavrada, sarapantona, de há quarenta anos, que escandalizava Eça e Fialho, considera-se extinta. Bela, da boa beleza, torneada, tostadinha, malcável de articulações, leve de passo, airosa de movimentos, se apresenta nas últimas edições ali expostas.

Nesse meio tempo a cidade, duplicada, triplicada, com o celta, ou godo do norte, conseguiu transformar a feição bérebere e negroide, durante séculos amontoada na capital. Bem haja ela que assim se mostra, a quem mire o seu bulício, possuidora de um feminino honroso para o brio da raça.

Sob os toldos, ou secando, deambulando, mergulhando, o investigador encontra boa percentagem de exemplares dignos de exame, em que os olhos pousam e demoram como abelhas em flor melífera. Sofre-se um desgôsto que vem de serem poucas. Falta a chusma, o enxame rumoroso, alacre de risos, de côres movediças, de mocidade estuante.

Nem ali, nas praias do lisboeta mediano, remediado, nem nas seguintes dos Estoris, aonde acode o mais pecunioso, e mais estilizado, freme a vivacidade, o entusiasmo, a alegria.

Frente ao Tamariz, estende-se o sector obediente à lei de Petrónio, interpretada segundo a fantasia regional. Visto da amurada, sob as tramagueiras, o espectáculo difere dos que antes se notaram. O ritmo, os tons, formas, revelam outra medida, a geralmente usada em locais congéneres da Europa. Imagem graciosa, sim; a mais não poder. O azul do mar, o branco da areia que bebe o dos toldos, os corpos em atitude escolhida, de amostrar, o vivo das côres marcadas em pequenos rectângulos de pele, são elementos vivos que o sol enche de uma alma feliz e explendente.

É preciso contemplar de cima e contentar com a cena muda, tanto a de mar, como a de terra. Em tôrno das mesas há vestidos leves em corpos pesados que não descem à praia e chupam refrescos, enquanto a juventude se molha. Não denotam tédio porque a luz, de esperta, brincalhona, sempre a bulir e alterar os cambiantes, impede de caír em saciedade do que se encontra exposto. Também não acusam contentamento. Vultos quietos, de olhar moroso, desinteressado, parecem estar ali por um motivo forte, o horror a terem ficado aonde estavam antes.

E esta aparência não dá consolação a quem a observa. Menos ainda a encontrada em baixo, onde estacionam os que se banham. Estranha-se o silêncio. O mar que também rumoreja por medida, obedecendo ao tom ambiente, ouve-se tossinhar como um fauno disposto a fazer uma diabrura. E mais nada.

As bôcas não falam, nem riem. Chega a supor-se que o estendido na areia pertence a empresário de cinema, algures devendo encontrar-se o operador.

Corpos masculinos procuram demonstrar a excelência da sua forma. Os femininos capricham em provar que a pele portuguesa não inveja em firmeza e veludo, as mais acreditadas do universo. Não se regateia o tamanho da amostra.

Desde Belém a Cascais a nudez mais radical é a do Estoril.

Bela? Da melhor beleza.

Poucas em número, quietas, caladas, como se estivessem cumprindo penas.

Os portugueses não adoram a água, o seu contacto não os atrae.

Com um mar tão sedutor!

Porque será?

Samuel Maia.

Aquilino Ribeiro revela-se um interprete do mar

Em todos os seus anteriores volumes, Aquilino Ribeiro que em *A Via Sinuosa* e *Andam faunos pelos bosques* se revelou o maior escritor vivo de Portugal e da língua portuguesa, exaltando, divinisando, deificando a montanha e humanisando-a e criando-lhe alentos e formas míticas, dá-nos com o seu recente livro *A Batalha sem fim*, uma surprêsa admirável.

Os seus sentidos paganisados, que tanto souberam vestir os montes da Beira Alta de imagens e de descrições sem par, pondo-os nas laudas dos seus romances, tão humanos como personagens que também comparticipassem da acção, volveram-se agora para a tentação intérmina do mar, para a vibrátil e ansiosa vida à beira das praias e para a luta ciclópica e titânica dos homens que dia a dia, sob todos os céus e todos os tempos labutam e morrem sôbre as ondas, como num campo de batalha. Aquilino é o maior escritor vivo de Portugal, repetimo-lo, pela alta vibração psicológica da sua linguagem, pela castiça e vernácula ordenação do seu aparato verbal e pelo nacionalismo, não só dos seus motivos ambientes, como dos seus personagens. O escritor em quási todos os seus contos ou romances, é uma personalidade que subjectivamente vive, para dar ao conjunto da obra mais retina analítica ou mais observação cuidada. Como expoente de beleza e de ensinamento, a sua obra publicada até hoje, com uma regularidade surpreendente, é sobretudo, e acima de tudo, admirável. O escritor, em si, não é só o factor da obra; é mais do que isso, é o criador do momento em que a obra viveu a sua realidade. Por esta dedução chegamos fàcilmente à concludência de que Aquilino, além dum realizador com altos recursos de língua, descrição, pintura e conflito moral é, sobretudo, um criador. Os personagens de Aquilino, ou têm a alma regionalista que os prende e eterniza à terra, ou são humanos no seu desejo doloroso ou futil, ou vivem a sua imaginação simbólica. Nenhum dêles é falso, antes a sua eterna beleza consiste no seu real aperfeiçoamento, na maneira de viverem dentro do romance como se vivessem na própria vida, pois que um romance é a vida que o artista projecta em arte ou drama, portanto realiza em criação ou beleza. Aquilino Ribeiro começou por nos dar em *A Via Sinuosa* aspectos novos de análise. A paisagem comparticipa humanamente do ambiente e assim, personagens e meio, vivem, têm a sua razão de existir dentro dos mesmos horizontes. A paisagem beirã em tôdas as «nuances» e aspectos, humanisa-se ao contacto com os personagens reais do romance e assim readquire uma personalidade moral. O meio beirão, a alma da paisagem, os costumes, a maneira regional e humana de ser, dão a Aquilino Ribeiro, depois de Eça de Queirós, um lugar único no romance. A língua portuguesa teve aí o seu meio-dia fulgente, e raras vezes entre nós um escritor, além de se revelar um novo paladino da linguagem, se manteve logo numa altitude semelhante. Em Aquilino Ribeiro a paisagem não é um pretexto para descrições, tem uma função mais humana, compreende-se como alma ambiente e acompanha com intimidade moral os personagens. É a terra, cenário humano, vivo, real, onde as lutas da existência decorrem e têm o seu significado devido. Outro curioso ponto de análise, é o diálogo, a maneira humana e sincera como os personagens coexistem e se mantêm em colóquio e intimidade.

Senhor de altos recursos de conflituação e de análise psicológica, Aquilino Ribeiro revela-se como um artista admirável, já que a vida dos seus personagens é uma vida real, humaníssima, e logo sensível ao espírito do leitor. A par de Eça pela retina e pela visão humana dos seus personagens, e possuindo uma plástica literária tersa, humana e castiça como Bernardes, Aquilino Ribeiro é uma figura mental de primeira plana, a par dum Romain Rolland, dum Barbusse e dum Maurois, glórias da literatura francesa contemporânea, e no pleno apogeu das suas qualidades criadoras e realizadoras.

*

Alguns longos anos de exílio vividos em terras de Espanha e França, apuraram ainda as qualidades raras do prosador inimitável e

vernáculo. *O homem que matou o diabo*, o confirma amplamente. O seu estilo criou formas mais belas e um equilíbrio que é verdadeiramente o sinónimo da arte de escrever como ninguém a língua nativa. Com o seu recente volume, ultrapassa ainda Aquilino as páginas raríssimas de *O homem que matou o diabo*. *A batalha sem fim* fica na literatura contemporânea como um caso único de técnica de romance, de ordenação de linguagem e de riqueza dialogal e descritiva. Os seus personagens principais de romance, a inquietude de Libório Barradas, a escultura beirã do Malhadinhas, fecham agora a trindade com o Pedro Algôdres. Simplesmente os dois primeiros são homens da montanha, homens que se encontram psicològicamente encerrados nos seus horizontes eternos, perante o dorso leonino e anquilosado dos montes, ao passo que Algôdres é o homem do mar, o visionário que cria o seu drama e o vai vivendo perante a campina móvel e bailante das ondas. O motivo principal do romance reside em Algôdres, curioso tipo representativo do carácter português, o homem que sonhou um tesouro escondido e tudo sacrifica por essa miragem, arrastando com a sua fé e a sua confiança cegas, a ingenuidade e a mística ambição dos semelhantes. Drama aparentemente localizado entre pinheirais e costas portuguesas, êle é o drama universal da ambição impossível e de tôdas as quimeras desfeitas. Por essa quimera, Algôdres tudo perdeu: os seus bens, os seus amores, a sua armação de pesca, a sua fé no futuro. De sonho em sonho desfeito atingiu por fim na sua miséria, a humildade; e a santificação mais nobre, mais digna da sua ilusão.

Aquilino realizou em *A batalha sem fim* um romance notável, pela beleza inatingível da linguagem, pela expressão humaníssima e real dos diálogos, pelo entrechocar das paixões e pelo estudo, pela análise da gente da beira-mar, e das suas inquietudes e dos seus dramas de sempre.

O que as *Terras do Demo* foram para a montanha é-o *A batalha sem fim* para as coisas e para a gente da beira-mar.

A linguagem atinge, por vezes, nas suas laudas descritivas, sonâncias e expressões inimitáveis. Só um grande escritor, possuindo todo o conhecimento da alma humana e da psicologia portuguesa podia atingir como Aquilino Ribeiro atingiu, neste seu recente volume, uma altitude de talento, tão grande! Tôda a sua linguagem é duma riqueza verbal quási estonteante, pelo renovo constante dos seus vocábulos e das suas imagens narrativas.

Como riqueza de linguagem neste seu volume recente, Aquilino ultrapassa, mesmo, Eça e Camilo. O seu conhecimento da língua é mais perfeito e a harmonia musical do período, a moldagem da maneira literária são mais equilibradas e humanas, digamos antes, mais vernáculas, mais castiças. Conhecendo os clássicos como poucos, tendo um bom convívio com os escritores latinos, vê-se logo pela construção do período, pela pureza gramatical, que Aquilino é um cultor probo da língua portuguesa, honrando-a e realizando-a, como ninguem a realizou ainda nas modernas letras portuguesas de mil e novecentos até hoje. Num livro meu de ensaios críticos, escrito há nove anos, *Eça, Fialho e Aquilino*, já eu profetizava e adivinhava o admirável e pujante escritor, que desde a *Via Sinuosa* até hoje, tem mantido o principado das letras lusitanas. Em *A batalha sem fim* há páginas de descrição, formidáveis. Tôdas as laudas em que se avisinha o encontro do tesouro, a descrição do incêndio que o Algôdres via conscientemente, como um remorso, são páginas de antologia, trechos que se deviam dar a ler, nas selectas usadas em tôdas as escolas de Portugal. Um escritor como Aquilino já não pertence só à literatura contemporânea, já não pertence só, orgulhosamente, à sua Beira Alta nativa. Aquilino pertence à Nação, pertence ao património inegualável da língua portuguesa de que êle é um cultor glorioso. Cabe às escolas secundárias e universitárias de todo o país dar-lhe uma pública homenagem, uma reparação moral. Então ver-se-á, compensadoramente, como Aquilino Ribeiro é digno da Pátria e da Grei.

Correia da Costa.

Lino António o pintor da Nazaré

Lino António é um menino de olhos grandes e de ambições ainda maiores.

A praia da Nazaré é um torrão de pescadores tristes, que o diabo escolheu para tentar D. Fuas, numa caçada ao gamo, e o Leitão de Barros escolheu para tentar a «Maria do Mar», numa caçada à 7.ª arte...

O pintor e a praia são motivos do nosso agrado.

Costa assoalhada e árida, com boteiras e casinholos pitorescos que se acoitam à falésia do milagre; mar de bravatas e naufrágios, de peixe miúdo e amores melancólicos, a Nazaré é recatado lugar para inspirar os poetas e comover os plásticos. Por isso alguns a têm cantado e descantado. Uma senhora cheia de ternura pelas graças da vida piscatória, D. Raquel Gameiro, foi das primeiras adivinhas que ali acorreu, e consigo levou ao depois, tôda uma pleiade de apaixonados. Outros e novos, vieram à conquista dessa Índia inspiradora. Entre êles, Lino António parece o escolhido para a glorificar poeticamente. Por lá tem topado, à porta das vendas e à sombra das rés dos barcos, alguns modelos que serviram a Nuno Gonçalves, que estão num painel do museu.

Lino António, com os seus olhos deslumbrados de boneca, ali assentou arraiais com o cavalete, e ora em desenhos breves, ora em guaches — que lembram bordados populares — vai anotando uma documentação vasta para a obra que se propõe realizar, da qual as amostras frequentemente apresentadas, nos fazem ver pela aragem quem vem lá na carruagem. Deixem-no dar tempo ao ofício, habituar-se às tempestades da arte, e logo verão que melhor cantor dos nazarenos, não poderia o destino escolher.

Os seus paineis, por ora de gôsto e compaixão decorativa, com teorias de figuras aos pares e repetidas como no éco, sempre banhados de uma luz clara e rósea, e adornados com anotações longínquas, são quadros religiosos para o gabinete de um poeta do mar, ou para a capelinha de uma Nossa Senhora Alegria, onde os navegantes vão dar graças pela bonança do oceano ou pela bonança dos corações. Têm também por vezes, um ar romântico e melancólico, com as mulheres vestidas de dó, os filhos nos braços, e as canastras do peixe espalhadas na areia, numa resignada desolação, como que deitando contas à vida para melhor resolverem a morte. Há como que um fatalismo nessas figuras sombrias mas de olhos lindos, que nascidas nas horas da desdita, nem com a sorte-grande contam, conhecendo apenas o amor de fazer filhos e de acarinhar a prata fulgurante do peixe, única fortuna que os homens trazem do mar-alto.

As suas composições de vareiros, curtos de estatura e indumentados com baêtas aos jadrezes, sempre às parelhas como as cavalas, são cruas no arranjo, mas de expressão emotiva, porque o pintor para reforçar a retórica dos figurantes, sempre cuida da sensação plástica, que é aquela que directamente toca a sensibilidade dos seus admiradores. Estamos, porém, certos que Lino António será um dia o grande pintor dos pescadores, quando a sua enternecida visualidade possa com a dôr da ansiedade, ir prescrutar no amágo dessa pobre gente, a heroicidade exaltada, que com amor e às cegas, os levam a engrossar a nossa História Trágico-Marítima.

Mas ainda bem que Lino António é um menino de olhos grandes e de ambições ainda maiores!

Possa êle guardar a humildade que possui perante a natureza que o deslumbra e inspira — que é riqueza de artista e de santo, — para mais tarde, com melhor *pâte* sem securas de tom, e maior singeleza na oratória com que se exprime, nos mostrar definitivamente tôda a sua alma comovida, que entre os pintores portugueses, cujo lirismo natural se vai atrofiando em sabenças prosapistas, é por enquanto do que mais terno e louvável possuimos.

Há quadrinhos seus de um encanto tal, tocados com as côres frescas dêsses bentinhos fabricados pelos próprios pescadores e que se vendem nas romarias ou se expõem em casas de milagres, que é crime não serem arquivados em galeria própria, como êsses de documentação regional que se topam pela Europa central fora, e que firmam a riqueza tradicional das províncias. No entanto, Lino António ainda não viu um quadro seu exposto no Museu de Arte Contemporânea, onde quási todos os artistas da sua geração já conquistaram o lugar que merecem. É que Lino António, apesar de muitos lhe reconhecerem o mérito que o caracteriza como um primitivo-moderno (passe o paradoxo), é tido por outros como ingénuo pintor de ex-votos, sem categoria para *Palácio* de pomposas artes, quando ao contrário de isso, a arte não é senão fruto naturalmente singelo e espontâneo do que vai no coração e nos olhos dos artistas.

Que Lino António guarde os seus olhos de menino espantado, e seu coração cada vez seja mais simples, para que a sua arte seja mais pura e mais espiritualizada!

E que não busque a fortuna material numa compita com a plástica, porque em todos os concursos, há sempre um que vence para os outros serem vencidos. Atrás do tempo, tempo vem. Lino António escusa de correr, porque o seu lugar já ninguém lho toma. Quando a Nazaré já nada mais tiver a dizer-lhe, corre então a Portugal a revelar-lhe tantos mistérios, que alguém se erguerá a aclamá-lo «Mestre de companha dos pintores».

Que grande fortuna poder ir até velhinho, sendo sempre um menino de olhos grandes e de ambições ainda maiores!...

Diogo de Macedo.

Os penteados japoneses

resistem à moda

e conservam a sua bizarra tradição

Os penteados sempre fizeram parte — e julgamos que ainda hão-de fazer por êsses anos adiante — da «toilette» da mulher, em tôdas as idades e em tôdas as raças.

Até mesmo nas tribus do interior africano, onde a mulher vive na mais obsoluta nudez, o cabelo merece um cuidado especial.

No entanto, entre todos os povos, um há que se distingue: o Japão.

Os penteados japoneses são de uma rara originalidade ao mesmo tempo que apresentam uma grande beleza no aspecto.

Permitem, até, através dêles, não só realçar os encantos femininos, como caracterizar o estado civil das mulherees que os ostentam.

As raparigas solteiras, que ainda não têm noivo, usam, por exemplo, um interessante penteado chamado «momoware».

Êste vocábulo japonês, que é uma palavra composta, significa «uma pera partida em duas metades». O arranjo do cabelo justifica o nome que lhe deram. O «momoware» pode ainda ostentar flores artificiais cuja côr contraste fortemente com a do cabelo.

As raparigas das escolas não usam, porém, o «momoware». Usam, sim, o cabelo cortado à maneira das colegiais norte-americanas ou à europeia. Só depois de terminado o seu curso é que passam a usá-lo.

O PENTEADO «MOMOWARE» USADO PELAS RAPARIGAS SOLTEIRAS

As noivas usam um penteado chamado «takashimada» ou apenas «shimada». Antigamente, no regime feudal, as raparigas da côrte penteavam o cabelo segundo aquele modêlo. Antes do penteado, o cabelo é embebido em óleo de camélia, para o tornar dócil e ao mesmo tempo perfumá-lo. Até ao dia do casamento, as raparigas usam, como dissemos, o «takashimada», mas quando casam têm de substituí-lo por outro denominado «marumage».

Quando um rapaz diz à namorada que deseja que o seu cabelo seja penteado à «marumage», equivale a uma declaração de amor e quási a um pedido de casamento.

Êsse penteado tem quási a conformação dum barrete frígio. Há ainda outra classe de penteado designado pelo nome de choco» — palavra que significa, em japonês, borboleta. As pontas do cabelo dobram-se no alto do penteado como as ásas duma falena e daí o nome que os japoneses lhe deram. São os penteados clássicos do Japão.

O PENTEADO «TAKASHIMADA» USADO UNICAMENTE PELAS NOIVAS

Existem ainda os penteados de gala, sumptuosos, espectaculosos, próprios para os grandes bailes e para as festas religiosas. Representam a tradicional arte dos penteados do Japão, e são de grande dificuldade no arranjo. Para êstes há enfeites que chegam a pesar três quilos.

São necessárias duas horas — para mais e não para menos — para a confecção dum dêsses penteados históricos. Entre os penteados de gala distinguem-se o «nagaichi-kuzushi», o «tate-hyogo» e o «genhokukuzushi», usados segundo a categoria social da portadora.

UMA RAPARIGA JAPONESA EXIBINDO O SEU PENTEADO À «MONOWARE»

No entanto, há sete séculos, embora seja esta a tradição no Japão, um poeta escreveu os seguintes versos:

Nubatamano
Imo ga kurokami
Koyoi mo ka
Ware naki toko ni
Nabikete nuramu.

que, traduzidos, dizem:

Com os cabelos
Macios e longos
Espalhados sôbre o leito solitário
Ela dormia ainda
Esta noite sem mim.

É a mais remota referência feita na poesia japonesa ao cabelo feminino. Dêles se depreende que o cabelo longo e liso era uma condição essencial da beleza da mulher. Quere dizer, os bizarros penteados que ainda hoje se usam no império nipónico devem ter sido criados depois de escritos êstes versos pelo poeta Manyoshu.

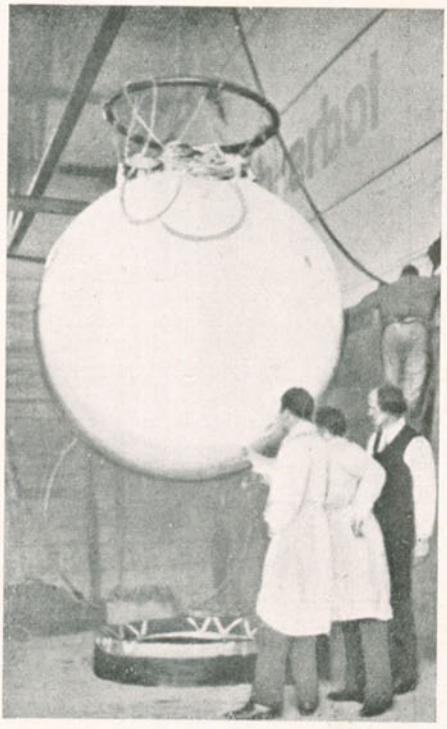
Antes de findar estas linhas devemos dizer que em todo o Japão há hoje centenas de senhoras que usam o cabelo à *garçonne* e o oxigenam.

O PENTEADO «MARUMAGE» SÓ USADO PELAS SENHORAS CASADAS

A experiencia scientifica do professor Piccard

provocará uma revolução nas futuras viagens aereas?

O SÁBIO SUIÇO PICCARD, MOMENTOS ANTES DE SUBIR, DESPEDE-SE DA MULTIDÃO QUE O ACLAMA



EXAMINANDO A ESFERA METÁLICA, ONDE SUBIU O PROFESSOR PICCARD, ALGUMAS HORAS ANTES DA ASCENÇÃO

O CÍRCULO DE AÇO, RODEADO DE CORDAS, QUE FOI SUSPENSO DA ESFERA METÁLICA

Este professor Piccard — a quem um jornal francês chamou «personagem de Júlio Verne» — acaba de fazer uma ascensão à estratosfera que deve vir a revolucionar tôda a aviação, principalmente nas grandes viagens aéreas. Dos estudos feitos pouco se sabe. Piccard é reservado, ou não fôsse sábio. Do relatório preliminar que enviou ao Fundo Nacional Belga de Investigações Científicas — que custeou a ascensão — pouco se pode depreender. No entanto, baseadas nas suas experiências, a casa Farman acaba de construir um aparelho para subir na estratosfera, e a Fábrica Junkers anunciou já a construção dum novo aeroplano — o JU-49 — destinado a vôos de grandes alturas, 12 a 16 quilómetros sôbre a superfície da terra, e a permitir extraordinárias e rápidas comunicações. Por exemplo: um vôo Europa-América não deverá demorar mais de 12 horas.

O novo aparelho será provido dum motor de 850 cavalos, terá 28 metros de envergadura de asas e pesará 8 toneladas. Calcula-se que no ar, e a uma altura de 12 quilómetros, a velocidade do aparelho não seja inferior a 500 quilómetros por hora. As cabines do piloto e do observador estão fechadas hermèticamente, permitindo uma pressão constante a defluir o oxigénio durante o vôo estratosférico. A modalidade do aparelho e o rendimento do motor estão sendo calculados.

Supõe-se — pela experiência do professor Piccard isso se viu — que se encontrarão temperaturas de 50 a 70 gráus abaixo de zero, mais baixas no verão e mais altas no inverno, o contrário do que sucede na terra.

O que terá que vêr ainda a nova geração? Iremos, realmente, à América jantar depois de almoçar num restaurante em Lisboa?

O REI E A RAÍNHA DOS BELGAS, EM VILEGIATURA PELA SUIÇA, VISITARAM, NO AERODROMO DE DUBENDORF, O PROFESSOR PICCARD, NA VÉSPERA DA EXPERIÊNCIA. ESTA FOTOGRAFIA FOI TIRADA DENTRO DA ESFERA METÁLICA

A actual crise da tauromaquia e as razões porque ha má crítica

ESCREVER sôbre toiros não é fácil. Demanda saber. Demanda conhecer não só os bichos, como os homens que os lidam. É necessário também saber para que público se escreve. Entre nós, poucos são os que se têm dedicado a essa espécie de literatura. Entre êles, surgiu há anos um nome que depressa se impôs: D. Bernardo da Costa (Mesquitela). Os seus primeiros artigos impuseram-no como crítico. Logo a seguir, encetou uma campanha a favor dos toiros de morte. As entidades oficiais não o ouviram. Bradou no deserto. No entanto, o volume em que coligiu as crónicas em prol do seu pensamento, vendeu-se ràpidamente. Em Portugal — principalmente por êsse Ribatejo — ainda há quem goste de toiros. Actualmente D. Bernardo da Costa (Mesquitela) perde-se em jornais semanais. Os seus escritos são pouco lidos. Mas... acaba de saír outra obra: Festa Brava. *Traz o seu nome. É uma colectânea de alguns artigos já publicados, e contém nova matéria. Dessa, respigamos algumas páginas. Têm interêsse, não só para os aficionados, como para os que são leigos no assunto. Há nelas calor, energia, mocidade e desassombro. São páginas para juntar mais tarde à* História das Touradas *de Eduardo de Noronha, obra que deve estar na estante de todos os que amam as coisas tauromáquicas. Eis o que transcrevemos do novo livro de D. Bernardo da Costa (Mesquitela) que merece ser lido com atenção:*

I — A CRISE

Há cem anos que a Tauromaquia está em crise em Portugal.

Desde que se acabou com o toiro lidado em hastes limpas e morto na arena, e a lide passou a ser a intrujice do toiro embolado, a luta entre os dois elementos, o homem e a fera, perdendo o seu alto significado, o seu simbolismo, perdeu interêsse, perdeu beleza e cêdo se transformou nesta palhaçada ignóbil que é a «tourada à portuguesa», em que os toureiros são uma espécie de funcionários públicos que só assinam o ponto e os toiros umas pobres criaturas alugadas para fazer o ridículo, perante o gáudio avinhado de uma multidão ignorante e imbecil.

O rojoneio másculo dos nossos avós — arte essencialmente fidalga e varonil — deu lugar ao toureio a cavalo das inúmeras filigranas e, sejamos francos, das inúmeras mentiras. Como o ginete já podia ser tocado porque o toiro, sem pontas, não lhe furava as carnes e o público dificilmente se apercebia do êrro na medição das sortes, os cavaleiros, uns por carência de predicados próprios, outros por não cuidarem da condição básica do seu mister — a defesa rigorosa das montadas — levaram a primitiva e arriscada arte às últimas conseqüências.

Porque mesmo assim, mesmo com bigodes e ademanes pouco aristocráticos, êles continuavam sendo os mantenedores da única coisa verdadeiramente tradicional — o toureio a cavalo — os toureiros de pé, não acompanhando a evolução que se operava em Espanha, limitaram-se a ser os auxiliadores daqueles, os «capinhas», que agora pomposamente se chamam «bandarilheiros» e que nós com mais propriedade deviamos chamar «bandarilhadores», já que não fazem mais que espetar bandarilhas de qualquer forma, e, em geral, da forma pior.

E como suprimindo a morte do toiro — finalidade lógica do espectáculo — havia necessidade de se inventar um outro desfecho forte e emotivo, recorreu-se à «pega» — encontro brutal do toiro com oito homens, que o dominam, não pela arte, bem rudimentar, mas porque no seu conjunto pesam quási o dôbro e porque o animal chega ao fim desta lide disparatada com tamanha dose de aborrecimento, que tudo consente, tudo suporta, contanto que o não espicassem mais e que o mandem embora. A «pega» não é uma finalidade bárbara, mas é uma finalidade bruta. E foi êste desfecho bestial, que não representa a inteligência do homem dominando o instinto da fera, mas sim o embate da fôrça contra a fôrça, matéria contra matéria, que se elevou à categoria de tradição nacional e que muitos «aficionados» supõem ser uma invenção portuguesa, ignorando, como em geral ignoram tudo, que já os moiros das Espanhas pegavam toiros — e desembolados — e que outrora na Grécia, cinco séculos antes de Cristo, toiros enormes e possantes e da mesma forma em hastes nuas — conforme atestam os desenhos duns barros encontrados na ilha de Creta — eram valentemente pegados... por mulheres!

Arranjou-se desta forma a toirada; e e desde então, Portugal — na frase vingadora de Carlos Viana — passou a ser um país de embolados.

Esta toirada, porém, com tudo que encerra de grotesco, de falso e vergonhoso, tem sido sacudida de tempos a tempos por algumas que outras figuras de incontestável relêvo, as quais, mesmo com embolados, foram grandes e justo é que fiquem célebres. Há meia dúzia de cavaleiros que passam à história, bem como algumas dezenas de forcados, sobretudo amadores, que souberam corresponder com brilhantismo e denôdo ao pouco, ao muito pouco que se exigia dêles.

Mas com embolados, com toiros que não matam nem ferem, o valor dêstes homens corajosos fica evidentemente diminuido. É triste dizê-lo, mas é assim.

Poderemos nós comparar, já não digo na arte, mas no valor, o cavaleiro Ti-

noco, por exemplo, a «Frascuelo»?... Será lícito colocar no mesmo plano de vítimas do toureio, Fernando de Oliveira, que morreu numa praça, é certo, mas de desastre, e Manuel Garcia «Espartero», que um excesso de pundonor fêz perder a vida nas hastes aguçadas daquele toiro colorado de Miura?... Será razoável que a arte, a sublime arte do toureio, vista o mesmo luto pelo forcado X, que faleceu no hospital em conseqüência de bordoadas misturadas com álcool, e por José Gomes «Gallito» — o sempre chorado «Joselito», que o maldito toiro «Bailador» assassinou na tarde trágica de Talavera?...

II — O MALDITO TOIRO EMBOLADO

O duelo entre o homem e o toiro tem de ser um duelo de morte, — ou então não tem razão de ser. Entre o espectáculo de toiros e o teatro ou o animatógrafo tem que haver, necessàriamente, uma diferença. E é essa diferença que os portugueses vão tanta vez procurar a Espanha, já que nem ao menos numa única terra portuguesa a deixam ver.

A festa de toiros, produto admirável do nosso génio peninsular, é — e aqui reside a sua incomparável grandeza — uma tragédia autêntica, onde não há artifícios, nem combinações. É bem a *Festa Brava!* A morte, ali, não é convencional, nem representada: quando se morre, morre-se de verdade. Se é bárbaro, se é horrível, não o discutamos agora: morrer é sempre bárbaro, é sempre horrível — mas até à data nem por isso a gente deixa de morrer. Pelo contrário, às vezes é agradável a morte; outras vezes, oportuna. Muitos a procuram tôda a vida, como única solução libertadora... E depois, se ninguém há de escapar à sua foice, é certamente mais brilhante, mais asseado e mais cómodo morrer duma cornada do que dum cancro...

Mas deixemos esta triste filosofia e frisemos sòmente a diferença que deve haver, para o verdadeiro «aficionado», entre o que se faz com um toiro em hastes limpas e um toiro privado das suas

defesas naturais. Façamos a seguinte confissão, muito embora ela possa chocar a sensibildiade de certas pessoas: há aí um cavaleiro — chamemos-lhe João Núncio — que toureia maravilhosamente; em Espanha existe outro, António Cañero, que toureia a seu estilo, num toureio muito diferente, — pior, segundo todos afirmamos. Pois bem: cada qual no seu elemento, Núncio fazendo coisas assombrosas com toiros embolados, Cañero rojoneando àsperamente toiros em pontas, eu, que ponho João Núncio acima das nuvens, dou a Cañero muito mais valor.

Porquê?

Porque a festa de toiros é uma festa essencialmente brava e bela. Beleza e emoção, mas beleza com emoção: duas coisas que têm de ir juntas. Ora com toiros embolados não pode haver emoção, e, sem ela, não creio que haja beleza.

III — RESULTADOS

O toiro embolado deu origem ao «toiro corrido» e desta forma o toureio a pé não evolucionou, não progrediu e foi sempre, na nossa terra, a calamidade que nós conhecemos. O toureio não pôde aperfeiçoar-se e ainda hoje o vemos nas nossas arenas a praticar os mesmos erros e os mesmos vícios de há cem anos. Dir-se-ia que só as caras mudam: se até os próprios fatos parecem eternamente os mesmos!... E o toiro, que aqui deixou de se matar (embora nunca deixasse de ser comido) e cujas hastes tapadas também já não matavam, fêz ver ao lavrador a inutilidade da selecção, do apuramento e do gado puro.

O resultado está-se vendo: em vez de toureiros temos toureadores, para não dizer boeiros, bornaleiros ou espetadores de ferros; em lugar de artistas, no sentido elevado da palavra, restam-nos artífices, meros operários do toureio; e em vez de toiros, aparecem por aí uns bicharocos mais ou menos pretos, que dão saltos e às vezes marradas, e com umas cabeças de tal forma monstruosas que muitos críticos, na única definição em que acertam, chamam — cornúpetos.

IV — OS CRÍTICOS

O mal de tudo isto não vem dos governos, nem dos toureiros, nem dos toiros, nem mesmo do público, que vai sempre para onde o levam. O mal vem daqueles que escrevem para o público e que levam o público atrás do que escrevem. O mal vem dos críticos.

A crise da tauromaquia em Portugal provém, pois, essencialmente, de uma crise de críticos.

— O que tem sido o crítico tauromáquico, na nossa terra, de há cem anos para cá?

Eu não quero melindrar ninguém, tanto mais que muitos dêles dormem já o sono da bem-aventurança, mas a verdade é esta: o crítico tauromáquico português era, salvo raríssimas excepções, uma criatura que gostava muito de ir aos toiros e que não percebia nada do assunto, mas que fingia perceber porque ao pé do seu lugar, que o empresário lhe dava para o obrigar a não dizer mal, havia sempre uns cavalheiros que diziam coisas, muitas coisas, que êle no dia seguinte aproveitava na sua resenha. Êsses cavalheiros também nada sabiam, mas ninguém duvidava da sua ciência porque já eram de idade, iam todos os domingos ao Campo Pequeno e alguns vinham mesmo do Campo de Santa Ana, onde, pelos vistos, se toureava na perfeição...

Porque se não lidam entre nós os toiros em hastes limpas?

Essa criatura, graças a uns amigos políticos, conseguia entrar para a redacção dum jornal, cujo director não lhe ligava nenhuma, nem a êle nem à secção. E o homem, afrontando essa indiferença e convencido, apesar de tudo, da sua importância, passava a dizer ao público o que via e sobretudo o que não via, não pelo prazer de escrever nem pelo desejo de defender a festa e de a cantar, mas pela magia do bilhetinho de graça e duns parcos vintens no fim do mês.

Creiam no que lhes digo: as condições para se ser crítico de toiros em Portugal eram estas:

1.º — Conhecer pessoalmente alguns toureiros e empresários e tratá-los por tu;

2.º — Não saber nada de toiros;

3.º — Não saber escrever português.

A primeira destas condições ainda hoje em certos casos se demonstra à vista. As outras duas, — é consultar os jornais de há anos: aquilo espremido não deita nada, a não ser uma porção, mais que razoável de êrros gramaticais.

A função do crítico desconheciam-na êles e nada faziam para a conhecer. Se lhes disséssemos que tinham por missão *definir, explicar e orientar* eram capazes de cair das nuvens — êles, que julgavam mais que suficiente dizer tôdas as semanas, em estilo de chapa, que a toirada, *apesar da amenidade do clima, que tinha levado ao elegante touródromo da capital farta concorrência, não agradara, mercê da matéria prima...* e que o *cavaleiro Fulano empregara vária ferragem larga e curta, variando as sortes* (como se o facto de variar as sortes tivesse em tauromaquia alguma importância), que o *bandarilheiro Beltrano metera um bom par à gaiola* (como se fôsse possível um par bom numa sorte que é uma refinadíssima traição), que o espada *Sicrano tivera bons pares a câmbio* (em vez de *quiebro*, porque o *câmbio*, fóra dos bancos, só pode fazer-se com capote ou muleta) e que nos toiros tais e tais fizera com a muleta *fainas cingidas e adornadas*.

Esta classificação de «cingidas e adornadas» era o meu divertimento das segundas-feiras. E assim durante muito tempo, porque durante muitos anos a chapa foi a mesma. A mesma, não digo bem: às vezes mudava, sofria uma pequena alteração. Assim, se o toureiro tinha estado valente, mas sem o toiro lhe permitir luzimento, o crítico dizia: — «uma faina cingida, mas não adornada». E já tinha havido ocasiões em que, por um conjunto de circunstâncias inexplicáveis, as *faenas* tinham sido «adornadas sem serem cingidas»...

E não havia mais nada, nem a descrição dessas *faenas*, nem se elas tinham sido as mais ajustadas às condições dos toiros. Pois se êles, coitados, nada sabiam!

Durante muitos anos fêz-se assim a crítica em Portugal, e em todo êsse espaço de tempo não apareceu ninguém que dissesse, com autoridade e sem mêdo:

— «Meus senhores, a toirada é uma burla, é uma infâmia e é uma vergonha! Acabemos com ela, sem dó nem piedade, e que cada um de nós no seu jornal não fale dela senão a rir e para fazer rir, como se fala das coisas pretenciosas e ridículas. Será a maneira dela cair, de pôdre, como das árvores vão caindo as fôlhas que o frio secou.»

Os críticos, pelo contrário, falavam a sério, e ela, a toirada ,convenceu-se por êles que era uma coisa séria. Foi o maior crime que cometeram, maior ainda que a sua ignorância, — e dêle estamos colhendo ainda os doces frutos.

Da toirada e de tudo quanto se faz com toiros embolados, em boa verdade só pode dizer-se mal. Para se dizer bem — só de troça.

ACTUALIDADES

BANQUETE DE HOMENAGEM — Ao sr. coronel Raúl Esteves — pelo facto da sua promoção a brigadeiro — foi oferecido um banquete de homenagem a que se associaram todos os oficiais do regimento de Sapadores de Caminhos de Ferro. A comissão promotora era composta pelos srs. tenente-coronel Cordovil Coelho, capitães Mário Costa, Cortez Lobo e Bastos e tenentes Barbosa e Arouca. No final falaram os srs. tenente-coronel Vaz Coelho, 2.º comandante, capitães Mário Costa, Lobão e Bastos, engenheiro Carlos Alves, tenente Viana e outros. O sr. coronel Raúl Esteves agradeceu, por fim, as referências feitas às suas qualidades de carácter e de militar

TENNIS — Nos «courts» do Estoril realizou-se o torneio de «mens doubles» entre empregados da Vacuum Oil Company, para segunda disputa da «Taça Vacuum». No meio da mais franca e alegre camaradagem, os desafios decorreram com grande animação, tendo sido servido um «lunch» no «Palácio Hotel». Os pares eram assim constituidos: Homet-Lofting, Beneducci-Pinto Basto, Booth-Pettey, Dobson-Hopffer, Keating-Jenkins, Barnes-Stock, Oliveira da Silva-Marchand, McBride-Marnoch, Bunn-Coghlan, Moran-Andrew, Lopes da Silva-Goble, Newman-Finch, Costa Andrade-Draisey, Marinho Alves-Antunes. Terminou pela vitória do par Keating-Jenkins sôbre o par Dobson-Hopffer a quem foi feita uma grande manifestação

GOVERNADOR CIVIL DE LISBOA — Promovido por uma comissão de membros dos corpos gerentes da Assistência Infantil de Santa Isabel realizou-se, há dias, no refeitório daquela casa, um banquete de homenagem ao sr. governador civil de Lisboa e presidente da Comissão Central de Assistência, a que assistiram representantes de tôdas as casas de beneficência de Lisboa e ainda os das Associações de Bombeiros Voluntários da Ajuda, Lisbonenses e Campo de Ourique. À mesa de honra sentaram-se: à direita do tenente-coronel sr. João Luiz de Moura, os srs. dr. Cassiano Neves, pelo Sanatório Popular de Lisboa; Eduardo Maria Rodrigues, pela Albergaria de Lisboa, e Salvador Saboia, presidente da comissão promotora da homenagem, e à esquerda, os srs. João Soares da Silva, secretário da Assistência Infantil de Santa Isabel; Bento Mantua, pela Colónia Balnear Infantil de «O Século»; Julio Silva, pela Associação dos Inválidos do Comércio, e José Rozendo, pela «Voz do Operário»

MAURICE CHEVALIER

DIVORCIOU-SE DE YVONNE VALLÉE

DIZIA outro dia um conhecido editor, antigo jornalista, à porta da Livraria Bertrand, quando, num grupo, se discutia a diferença da impressionabilidade amorosa dos dois sexos, a propósito do meu último livro *Namoradas e amantes:*

— Não tenham dúvidas, o homem esquece depressa. A mulher, quando se agarra a um amor, é constante e, por isso, sofre.

Eu tenho sido acusada de tratar os homens injustamente, e um homem me dá razão.

Mas já de longa data os homens se julgam a si próprios, com justiça, na sua inconstância.

Montaigne diz, nos seus *Essais*, que o homem é *ondoyant et divers*.

Fica no original, para não lhe tirar o sabor gaulês.

Já vêem que não é maldade minha...

E agora mesmo um homem moderno e conhecidíssimo, fulcro principal desta crónica, vem confirmar os juízos de ontem e de hoje.

Lembram-se da Yvonne, a parceira pequenina e graciosa de Chevalier, quando os dois vieram trazer os estribilhos de Paris, ao palco do São Luís?

Pareciam um casal ditoso e satisfeito com a vida.

Quando cantavam o célebre *refrain* «Quand on est deux», dir-se-ia que era o seu próprio amor e a sua própria felicidade que os seus lábios modulavam.

A gente chegava a invejar aquele par, que tão bem sabia compreender a doçura de amar a sério, que parecia lançar um desafio ao mundo: — «Vejam, olhem para nós. É assim que se ama e só assim se consegue ser feliz».

CHEVALIER VISTO POR JOAM

MAURICE E YVONNE, QUANDO ÍDOLOS DO PÚBLICO PARISIENSE, FOTOGRAFADOS NO DIA DO SEU CASAMENTO

E todos se deixavam atraír pela simpatia que dêles emanava, e êles — Yvonne e Maurice — sentiam-se embalados pelo carinho dos seus ouvintes, e continuavam sonhando o seu sonho de amor, que parecia não ter fim, senão com a morte. E quando o primeiro se fôsse da vida, o outro faria como o cisne dos maravilhosos versos de Júlio Salusse — nunca mais cantava, à espera da sua vez para ir-se também.

Mas o homem, por melhor que esteja, por mais que o amem, nunca se esquece de que é homem, e que ao homem anda pegado o distico de traidor.

E Maurice Chevalier não podia fugir à regra. A pequena Yvonne, sua companheira de desilusões e de glória, já não é nada na sua vida.

Os aplausos e o dinheiro ganhos nos estúdios da América, subiram-lhe à cabeça, e a sua parceira de tempos mais modestos, embora gloriosos também, já lhe parece pouca coisa para tanto esplendor. As cartas de amor, os requebros de outras mulheres, momentaneamente seduzidas pelo seu vulto em celuloide e pelas suas pícaras cantigas, coadas pelo microfóne, apagaram no seu coração a imagem da outra, da que o amou só por êle, sem cuidar de vaidades, quando, bom cançonetista, mas igual a muitos que há em França, êle passava de tablado em tablado, tendo por única fortuna o seu palhinhas e o seu sorriso de *parigot*.

O bom «Patapouf», como lhe chamava

sua mãe, pelos seus modos sempre apressados e estúrdios, esqueceu-se por completo do tempo em que era apenas o «gars de Belleville» mas cheio de ternura, e de coração compassivo. Hoje tem dinheiro a rôdos, herdou — dizem — de uma velha americana rica e com pancada na bola — alguns milhões.

O modesto *autobus* dos seus passeios em Paris, transformou-se num automóvel de marca requestada e cara. E, como tudo mudou, quis também trocar a sua mulher, desinteressada testemunha de alguns fracassos da fortuna, para fazer completamente pele nova.

Os dois cançonetistas franceses na popular canção «Savez-vous plantez des choux?»

Mas o passado não se mata, o passado é uma quadra eterna na nossa vida; pode-se redimir pelo presente, mas êle fica, como sentinela vigilante, de guarda à nossa consciência.

O futuro... êsse é o vingador, e êle vingará a pobre abandonada de hoje.

Os homens, costumam chamar esfinge à mulher... E êles, o que são êles, então, que nin guém sabe o que se ocul ta por detrás daquele olhar húmido de volúpia e cheio de mil protes tos de amor com que nos enleiam,

Maurice na revista «Paris en Fleurs»

quando estendem a sua rêde, onde nos enrodilhamos irremediàvelmente?

A sua alma é sempre um ponto de interrogação, que nenhuma mulher, por mais sedutora e por mais esperta e perita nos jogos de amor, poderá substituir por um ponto final — o ponto que marque o sentimento defintivo, o amor único que acorrenta o coração e os sentidos até à morte.

Ainda há pouco, antes de acabar estas considerações sôbre o inconstante Maurice, eu vi nos olhos de uma pobre rapariga duas lágrimas transparentes e puras como duas gôtas de orvalho. Tinha recebido uma carta anónima, dizendo-lhe que o homem com quem vivia, sob a única lei da sua vontade, ia casar com outra. Oh! a eloqüência daquelas pérolas de alma...

O drama é sempre o mesmo, e repete-se, desde o princípio do mundo...

Dizem que Yvonne chorou no tribunal, mas resistiu, não amachucou a sua dignidade, nem diminuiu o seu amor, com súplicas inúteis.

Se ela sabia que êle não a queria já, de que servia humilhar-se. E tê-la-ia êle amado alguma vez, por ela própria? Não seria o seu êxito — o êxito que ela ajudava a criar — que êle apreciava nas relações com a sua *mignonne partenaire?*

Tudo se confundia de tal maneira, os seus beijos e as suas canções, que nem êle saberia por onde separá-los.

Quando casou com ela, foi ainda pelos seus triunfos que o fêz. Era mais *honourable* chegar à América com a sua mulher legítima do que com uma amante. E aí começou a morte do seu amor — êsse amor que nela era tudo e nele pouca coisa.

A separação esboçou-se inexoràvelmente, quando os seus sucessos no *écran* o isolaram da pobre cançonetista.

— *Dites-moi, Monsieur Chevalier,* porque não gosta já de mim? Ter-lhe-ia ela preguntado, entre duas carícias frias e filhas do hábito.

E êle talvez lhe respondesse:

— Porque já não me fazes falta, porque vôo agora com as asas da minha fantasia e subo muito alto, *petit moineau* de Paris.

E Yvonne, pardalito dos jardins de *Paname* — Paris na gíria de Montmartre — lá ficou com a cabecita debaixo da asa regelada de abandonada.

Maurice e Yvonne na célebre canção que os imortalizou
(De Fournier)

Yvonne Vallée num dos números da revista «Paris en Fleurs»

E o povo de Paris, sempre compassivo para os males do coração, há-de acariciá-la e aquecê-la.

Êle perdeu uma pedra preciosa da sua corôa de artista.

E perdeu, mais, essa auréola de ternura que o iluminava. Perdeu o *charme* que o tornava irresistível — o amor de uma mulher, que era o isco de todos os amores, e que o fazia desejado pelas outras mulheres, para quem o sublime amplexo não vale, senão quando trás consigo o preverso prazer de traír.

Mercedes Blasco.

Sports

OS FACTOS DA QUINZENA

Durante a quinzena seguiram seu curso, na longínqua Califórnia, os X Jogos Olímpicos da era moderna. Como era natural, considerando as dificuldades financeiras da deslocação, o número de concorrentes foi muito menos elevado do que nos anteriores Jogos e, conseqüentemente, muito mais severa a luta. Cada país usou do maior rigor na selecção dos seus representantes, enviando a Los Angeles apenas quem tinha uma real probabilidade de se classificar.

Pelos resultados conhecidos até à data em que escrevemos, a França ganhou os campeonatos de florete e espada por *equipes* e ciclismo; a Itália as provas individuais de florete e espada e o ciclismo em estrada; a Índia o torneio de hockey e a Hungria o water-polo; a Suécia o pentatlo moderno, onde os concorrentes portugueses inventados pelo Comité demonstraram a nulidade do seu valor classificando-se nos dois ante-penúltimos lugares; os Estados Unidos obtiveram a melhor classificação de conjunto em luta livre e em atletismo; o Japão apresentou um grupo de nadadores extraordinários.

A nação vencedora dos Jogos foi os Estados Unidos. A Itália e a França ocupam os postos de honra.

O torneio de atletismo foi assinalado por algumas proezas formidáveis, sendo batidos cinco *records* do mundo e 16 *records* olímpicos.

O resultado de maior valor é o do americano Carr, que percorreu os 400 m. em 46 s. $^{1}/_{5}$, tempo que nos deixa estonteados, de tal maneira excede os limites supostos possíveis ao esfôrço humano. Percorrer quatro vezes seguidas cem metros em menos de 11 s. $^{3}/_{5}$, prova uma perfeição de mecânica, uma resistência à fadiga que se afigura incompreensível a quem conheça experimentalmente o assunto.

Para que o leitor melhor avalie, estabeleçamos um paralelo: o *record* de Portugal da estafeta 4×100 m. por *equipe* de um Club, isto é um percurso de 400 m. no qual cada homem percorre 100 m., é de 45 s. $^{2}/_{5}$. Portanto os quatro melhores *sprinters* que até hoje se teem reünido num club português, revesando-se em 400 m., batiam Carr apenas por sete metros!

Outro exemplo: Carr bateria os quartetos que êste ano ganharam o campeonato de Lisboa de 4×100 m., por dois metros!

Por sua vez o inglês Hampson conseguiu triunfar nos 800 m., batendo o *record* do mundo, em 1 m. 49 s. $^{4}/_{5}$, ou seja 54 s. $^{9}/_{10}$ por cada 400 m. e 27 s. $^{2}/_{5}$ por cada 200 m.

O campeonato de Lisboa dos 400 m. foi êste ano ganho por três homens lutando peito a peito até à meta, em 56 s., não conseguindo atingir em meio percurso a média de Hampson.

Desde que o atletismo existe em Portugal, em vinte anos de actividade, apenas 12 homens realizaram nos 400 m. tempo inferior à média do inglês, o que quer dizer que seria necessário juntar dois dos doze melhores portugueses de todos os tempos, cada um correndo 400 m., para bater Hampson que correria os 800 m.!

O ANTIGO CAMPEÃO OLÍMPICO WEISSMULLER NUMA LINDA POSIÇÃO DE DISCOBOLO

Finalmente o *recordman* de Portugal da distância seria batido por oitenta e seis metros.

* * *

O *hand-ball* foi uma modalidade que êste ano se desenvolveu extraordinàriamente em Lisboa, organizando-se de molde a disputar o primeiro campeonato, que reüniu 13 clubes.

O jôgo é na verdade interessante, muito movimentado, isento de qualquer violência, mas está longe de ser compreendido pela maioria dos que o praticam. Segundo o velho hábito português, dentro do campo todos gritam imenso, interpretam as leis a seu modo, regra geral numa bitola de dupla medida, pela qual fazem tudo que lhes apetece sem direito a castigo, mas retiram ao adversário a capacidade de executar por conta própria os mesmos actos. Infelizmente ainda os dirigentes da nova modalidade afirmaram-se lamentàvelmente insuficientes para cumprir a sua missão.

Após uma interrupção de quási um mês, disputaram-se no princípio dêste mês as finais do campeonato, tendo o Sporting triunfado em 1.as categorias e o Benfica em 2.as.

É curioso registar que os vencedores, iniciaram a prática do *hand-ball* quando começou o campeonato e derrotaram todos os clubes competidores que o cultivavam havia já muito mais tempo. Isto vem demonstrar que o desembaraço resultante de uma experiência atlética geral, tem uma influência decisiva para a eficácia de uma *equipe;* tanto o Sporting como o Benfica compuseram os seus grupos com elementos habituados à prática de outros jogos em campo e o à-vontade daí resultante, o fôlego e a classe, supriram com vantagem as deficiências técnicas, inevitáveis em principiantes.

* * *

A época de atletismo em Lisboa foi encerrada com uma reünião organizada pela A. A. L. sob o nome pomposo de «Grande Prémio» e que, no final de contas, resultou um «Pequeníssimo Prémio».

Depois do Pôrto-Lisboa, que havia desagradado ao público porque a selecção fôra feita sem grande escrúpulo, e porque o rèclame especulara sôbre certos nomes que afinal não apareceram; depois dos erros crassos na medição da pista no concurso de *Os Sports*, que estragaram por incúria e falta de reflexão, o esfôrço louvável do simpático jornal; depois de umas organizações misteriosas em campos afastados, o público desinteressou-se desta prova que reüniu umas escassas duas centenas de espectadores.

Estou em dizer que ainda bem que assim foi, pois o presenciarem a tristeza daquele concurso atlético só os poderia desgostar de repetir o facto. Provas sem o menor interêsse, em distâncias fantasistas e que se não usam, com um escasso total de uns

O GRUPO DO «SPORTING» QUE GANHOU O CAMPEONATO DE LISBOA DE «HAN-BALL»

trinta homens inscritos, e êsses mesmo na maioria de segundo plano, o torneio metia dó!

A chamada para cada corrida apareciam dois ou três principiantes; o juri partia então à pesca de mais alguns, e quando conseguia juntar seis ou sete, dava-lhes a largada. Resultado: aquilo parecia certos desfiles imponentes nas revistas de grande aparato, em que os figurantes saem pela esquerda e tornam a entrar pela direita, a fingir que são outros. Nos «Grandes Prémios» também saíam pela meta e voltavam a entrar pela linha de partida da prova seguinte.

A prova está em que o Bemfica, com oito homens, ganhou 5 primeiros lugares, 4 segundos, 2 terceiros, 3 estafetas e 1 prova por *equipes!*

UMA MAGNÍFICA FOTOGRAFIA DO «ROSE BOWL STADIUM», ONDE SE REALIZARAM OS JOGOS OLÍMPICOS. COMPORTA 85.500 PESSOAS

Apenas dois clubes apresentaram concorrentes a tôdas as provas, o Bemfica e o Probidade, aos quais se juntaram 3 homens do Internacional, 3 do Vendedores de Jornais, 3 do Hockey e 4 do Sporting que correram sem estar inscritos, visto que êste Clube tivera o bom senso de se abster de semelhante chuchadeira.

Infelizmente o caso, de um ridículo esmagador para os técnicos e dirigentes da Associação lisboeta, tem um lado lamentável que nos não deixa rir dêles como mereceriam: o descrédito do atletismo no espírito do público.

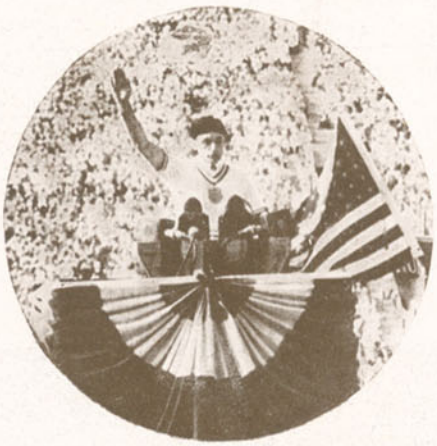
A simpatia da opinião pública pelo atletismo angariou-se à custa de muito sacrifício, de muito trabalho probo dos dirigentes e muito brio desportivo dos atletas; não podemos consentir que a destruam, espíritos aventureiros e sem escrúpulos que conseguiram guindar-se à custa do elogio que a si próprios teceram nos seus escritos, e fracassam agora na sua megalomania estulta.

Que lição, que proveitosa e dolorosa lição para aqueles que lhe deram a mão, em paga de alguns elogios, agradáveis à vaidadezinha natural à fraqueza de tôda a condição humana!

* * *

Todos conhecem de vista o famigerado «atirador do disco» que plantaram na Avenida da Liberdade para castigo ao escultor que o fêz tão malfeitinho. Já aqui dissemos quanto a seu respeito pensávamos e vários cronistas e técnicos associavam a nós (a *Ilustração* foi na imprensa a primeira a protestar) na crítica severa do gôsto estético municipal.

Veio-nos ter à mão um interessante documento fotográfico que tem para o caso uma oportunidade flagrante: representa o nadador e antigo campeão olímpico Weissmuller na pose clássica de um discobolo grego, cheia de graça e harmonia, num conjunto que reüne a beleza real da atitude com as normas de uma perfeita técnica atlética.



O JURAMENTO OLÍMPICO FOI FEITO PELO ESGRIMISTA NORTE-AMERICANO GEORGE CALNAN

Logo à tarde, quando o leitor, de regresso a casa para o jantar que o espera, subir a Avenida a receber uma aragem fresca da tarde, pare em frente do monstro, abra a sua *Ilustração* nesta página e compare.

Não precisa dizer-nos, depois, o que pensa do escultor!

* * *

Os atiradores portugueses que participaram do torneio olímpico, salvaram a honra do convento, classificando-se honrosamente nas provas de pistola e carabina.

Na primeira destas modalidades, Rafael de Sousa e Soares Andrea alcançaram o 5.º lugar, e na segunda, o tenente-coronel Real, após um desempate, que lhe foi desfavorável, obteve a 7.ª classificação.

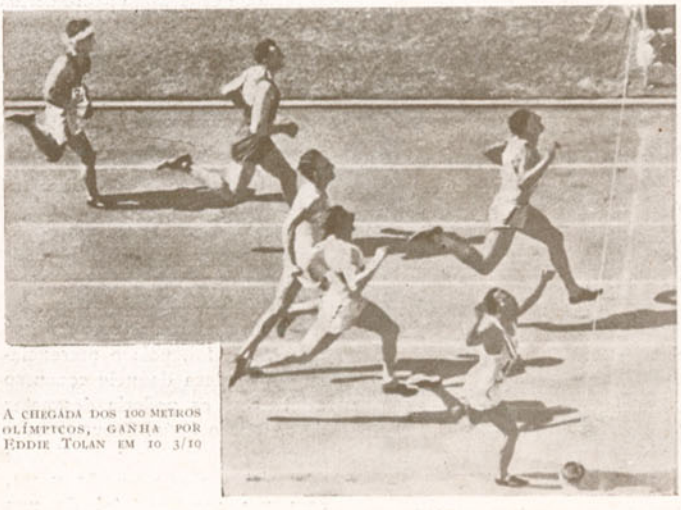
É curioso registar que o homem melhor classificado, o sargento de marinha Rafael de Sousa, não fôra seleccionado pela Federação para a *équipe* olímpica de tiro, encontrando-se em Los Angeles a título de participante no Pentatlo Moderno.

Claro que nesta prova nada fêz de notável, vindo a destacar-se na sua verdadeira especialidade, que é o tiro.

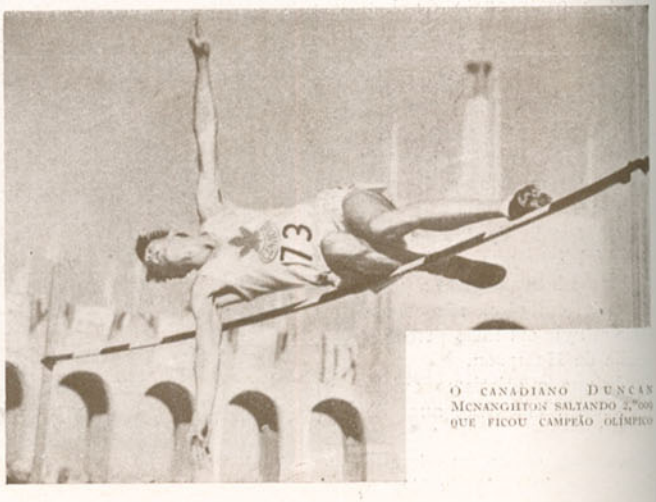
O êxito relativo, absolutamente satisfatório para as nossas aspirações, dos atiradores portugueses, veiu pôr mais ainda em foco o errado critério seguido pelo Comité Olímpico na escolha dos restantes elementos da comitiva.

Enquanto os atiradores haviam sido seleccionados após rigorosas e freqüentes provas organizadas pela Federação e chegaram à Califórnia com quinze dias de antecedência sôbre a data das provas que iam disputar, o Comité associou-lhes, em obediência a critérios ultra-fantasistas, uns participantes do Pentatlo, que eram de trazer por casa em dia que não houvesse visitas, e um *sprinter* de boa classe mas condenado ao fracasso pela orientação dos olímpicos, que o fizeram chegar à Califórnia, após uma viagem extenuante, na véspera da sua prova.

Salazar Carreira.



A CHEGADA DOS 100 METROS OLÍMPICOS, GANHA POR EDDIE TOLAN EM 10 3/10



O CANADIANO DUNCAN MCNAUGHTON SALTANDO 2,"00 QUE FICOU CAMPEÃO OLÍMPICO

A intentona realista de Madrid e Sevilha

O caso da quinzena, quer em Espanha, quer entre nós, foi o julgamento dos chefes da sublevação monárquica de Sevilha e Madrid. O tribunal militar condenou à morte o general Sanjurjo, mas o chefe do Estado, perante a opinião, quási unânime, de todos os espanhóis, comutou-lhe a pena. O general Sanjurjo já deu entrada na Penitenciária de El Dueso, onde começou a cumprir prisão perpétua.

O general Sanjurjo, com seu filho, o capitão-aviador Justo Sanjurjo, o tenente-coronel Verea e o general Garcia de Herran, passeando por Sevilha depois da publicação do manifesto revolucionário

José Sanjurjo y Sacanell, general do exército e antigo comandante dos carabineiros, foi o chefe da sublevação monárquica que em Madrid fracassou completamente e que em Sevilha chegou a durar 48 horas

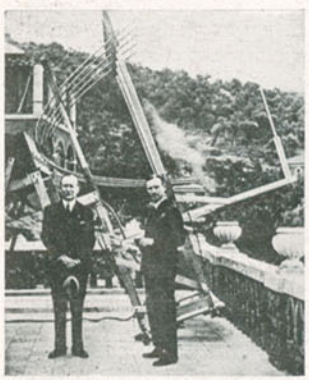
Aspecto da Praça de la Cibeles, de Madrid, no momento da passagem da formidável manifestação popular, organizada na tarde em que se revolucionaram alguns regimentos, para protestar contra a intentona monárquica

PELO MUNDO FÓRA

Um contraste

NA Califórnia — estas coisas só se passam na América — existe um *cow-boy* que tem dois metros e vinte e cinco centímetros de altura. Ei-lo a cumprimentar uma criança.

Inventos



MARCONI — o grande inventor — tem quási terminadas as experiências dum novo aparelho, pelo qual se pode falar pelo telefone e se pode transmitir telegràficamente — através 170 milhas — sem necessidade de antenas. É um invento que em muito virá modificar o actual sistema já da sua invenção.

A graça alheia

— MINHA MULHER TENTOU SUICIDAR-SE. MAS, FELIZMENTE, FÊZ MAL A PONTARIA. FICOU SÓ FERIDA.
— QUER UM CONSELHO DE AMIGO? MANDE-A PARA UMA CARREIRA DE TIRO.

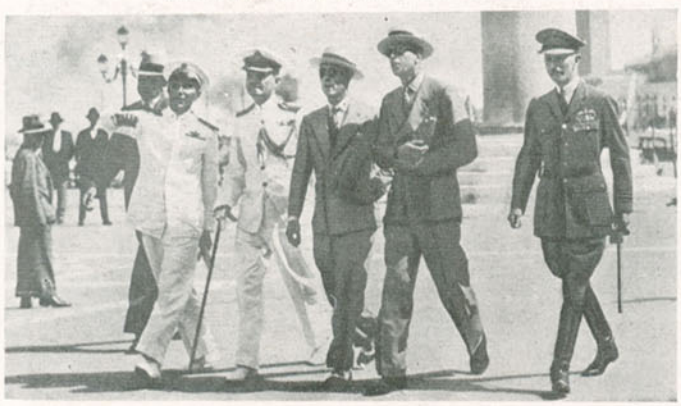
A sedição monárquica em Sevilha

LOGO que as tropas republicanas tomaram conta da cidade de Sevilha e que os revolucionários monárquicos se entregaram, uma multidão percorreu as ruas vitoriando a República e dando morras aos cabecilhas realistas. Assaltaram-se vários jornais e incendiaram-se as residências particulares de algumas individualidades conhecidas como adversas ao actual regime. Entre estas, ficou reduzido a cinzas o formosíssimo palácio do marquês de Luca de Tena, director do jornal *A. B. C.* A nossa gravura representa a linda propriedade sendo pasto das chamas.

Nas fronteiras italianas

UM novo sistema de fazer parar os automóveis foi agora posto em prática em Itália. A Guarda Fiscal das fronteiras italianas tem colocado nas estradas, em frente dos postos, uma travessa cravejada de pregos... Não há carro nenhum que se atreva a passar... São escusados tiros nem gritos. É um sistema original e de fácil execução.

A viagem do principe de Gales



O príncipe de Gales e o príncipe George encontram-se em Itália. A nossa gravura mostra os dois filhos de Jorge V em Veneza, durante um passeio na tradicional praça de S. Marcos, acompanhados das autoridades italianas e dos oficiais do cruzador *Queen Elizabeth*, a bordo do qual viajam.

No Reichstag

O aniversário da constituição de Weimar é sempre comemorada no Reichstag de Berlim por uma sessão extraordinária a que preside o chefe do Estado: o marechal Hindenburgo.

Vida literária

A Academia Francesa conferiu a Albert Kammerer, embaixador da França no Brasil, o prémio «Trerouanne» pela sua obra, composta de seis volumes, intitulada «La mer Rouge, l'Arabie et l'Abyssinie depuis l'antiquité».

Um incêndio

UM enorme incêndio devorou, quási por completo, os três últimos andares do prédio da Avenida Rio Branco, onde o *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, tem as suas instalações.

A graça alheia

DEPOIS DA CORRIDA:
O FOTÓGRAFO — SORRIA!

PELO MUNDO FÓRA

As praias e o povo

Assim como Lisboa tem a sua praia popular — Costa de Caparica — onde, ao domingo, se chegam a juntar mais de 30.000 pessoas, também Londres tem uma praia onde a população se refugia nos domingos de verão. Aqui a teem os nossos leitores, apinhada de povo.

Uma mensagem

Fac-simile da mensagem, em pergaminho, que as Sociedades Portuguesas da cidade de S. Paulo ofereceram ao sr. dr. Martinho Nobre de Melo, nosso embaixador no Brasil.

Uma manifestação

A semana passada realizou-se em Berlim uma formidável manifestação hitleriana. Os partidários de Hitler quiseram demonstrar-lhe, pùblicamente, o desagrado pelas resoluções a que se chegou na Conferência de Lausanne.

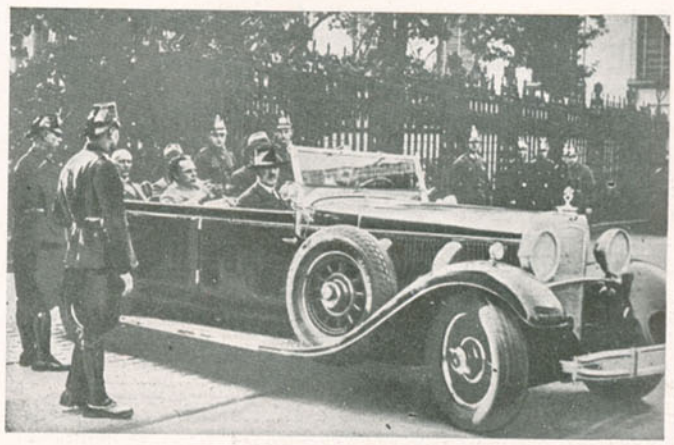
A graça alheia

— O que tu fizeste! Eu bem te disse que a barra não estava segura. Se cai em cima de qualquer pessoa é capaz de a matar...

Na América do Norte

Todo o mundo está em convulsão. Até em Washington os combates desempregados provocaram grandes tumultos tendo a polícia sido obrigada a fazer fogo. Aos tiros dos guardas a populaça respondeu com pedradas. Houve conflitos sérios onde se perderam algumas vidas e onde se fizeram numerosas prisões.

A política alemã



No dia 13 de Agôsto, Hitler teve uma conferência — que durou 13 minutos — com o marechal Hindenburgo. Êste, depois de o cumprimentar, convidou-o a sentar-se e, sem mais preâmbulos, disse-lhe:

— Convido-o a entrar para o Govêrno do Reich e, se fôr possível, a tomar parte na direcção dos negócios ministeriais.

— O partido nacional-socialista, sr. marechal-presidente, exige a direcção completa de todos os assuntos do Estado — respondeu o chefe «nazi».

A Italia e as Olimpiadas

Os delegados italianos às Olimpíadas — mais de duzentos — foram recebidos em New-York, de regresso de Los Angeles, com grandes manifestações de carinho. Na gravura que publicamos veem-se os atletas italianos na capital norte-americana acompanhados dos representantes diplomáticos de Itália naquela cidade.

A belesa feminina

Miss Dinamarca, que é «Miss» Europa, chama-se Aase Clausen e tem 18 anos

Miss Brasil — Yilda Teles de Menezes (19 anos)

Miss Espanha — Tereza Daniel (17 anos)

Foram as três concorrentes mais perigosas ao título de Miss Universo, que foi concedido — como se sabe — a Miss Turquia.

A Graça alheia

— O meu maridinho deixa-me atravessar o Atlântico de avião?

— Deixo. Mas has de estar de volta à hora do jantar.

17.000 MULHERES EXECUTANDO EXERCÍCIOS COM MASSAS INDIANAS

O Congresso dos "Sokols" na Checo-Eslováquia

foi a maior parada atlética da Europa

DEPOIS de quinze dias de excursão pela Alemanha, cheguei a Praga, a vetusta capital da Boémia e da nova República Checo-Eslovaca. Eram 8 horas da noite. Na «gare» de Masarik aguardava-me, gentilmente, o vice-consul de Portugal, sr. Dias Correia, um português que lá fora sabe sempre ser português... Uma hora depois escurecia. Sôbre a cidade começaram a ouvir-se surdos roncos de aviões. Praga ia ser bombardeada por 75 aparelhos que hàbilmente haviam conseguido ultrapassar as linhas de defesa. Os bombeiros e a polícia deram o sinal de alarme. Ficamos mergulhados em trevas. Lá no alto, muito no alto, os aviões inimigos procuravam localizar os núcleos de defesa. Sùbitamente, o negrume da noite começou a ser varrido por intensos focos luminosos. E quando acontecia que três línguas de fogo prendiam no seu cruzamento um avião, êste considerava-se vencido e aterrava.

Três semanas antes, à entrada do Elba, em Cuxhaven, surpreendia eu a esquadra alemã do Mar do Norte em exercícios bélicos. Chego a Praga e presenceio um ataque aéreo em forma. Decididamente, a preparação para a guerra continua, nestes povos da Europa central, a ser o assunto de tôdas as preocupações.

*

Ora a Checo-Eslováquia, que hoje figura no cartaz das nações europeias de maior preponderância, viveu durante quási três séculos sob o domínio dos Habsburgos, depois da célebre batalha da Montanha Branca, onde se perdeu uma nacionalidade e se fortificou um império.

Perto de 300 anos sofreram os checo-eslovacos as agruras, o opróbrio duma dominação estrangeira. Divididos, fraccionados em simples províncias do poderoso império austro-húngaro, a Boémia, a Morávia e a Eslováquia, às quais mais tarde se veio juntar a Rússia Sub-Carpática e que hoje formam a poderosa república, eram vagas anotações geográficas no mapa da Pátria de Francisco José, e foi incontestàvelmente devido ao esfôrço altamente patriótico do professor Miroslav Tyrs que a esperança da libertação começou a fortificar-se nos feitos dos boémios, moravos e eslovacos. A criação dos *sokols* foi um desafio insolente à preponderância estrangeira. De 1862 a 1914, os escravisados foram-se preparando tenazmente para o grande esfôrço que a Pátria dêles havia de exigir, um dia.

É êsse dia chegou quando o govêrno austr[íaco] declarou a guerra à Sérvia como represália pel[o] assassinatos do príncipe Francisco Fernando e [de] sua esposa, nas ruas de Sarajevo. Enviados p[elos] a frente de batalha, primeiro contra os sérvios, depois contra os russos e italianos, todos os checos se passaram para os aliados, fazendo causa comum com o ideal que defendiamos, ao mesmo tempo que lutavam contra os opressores.

Alguns nomes ficaram gravados para sempre nas páginas modernas da história da Checo-Eslováquia, como os do presidente Masarik, do ministro Eduardo Bénes, do general Klecanda, etc.

*

É a êsse extraordinário movimento patriótico iniciado com grande intensidade em 1862 por Tyrs, que a jovem nação deve a conquista da sua independência. Cada soldado, antes de entrar nas fileiras, foi de alma e coração um *sokol*, isto é, um prefeito ginnasta da milícia de Tyrs. Hoje há em tôda a Checo-Eslováquia mais de um milhão de *sokols*, dos dois sexos, e de tôdas as idades, que orgulhosamente em dias de festa envergam o seu característico uniforme. Bota alta negra, calção castanho, blusa vermelha como a dos russos, casaco à oficial austríaco das óperas de Franz Lehar — que não vestem e que usam sôbre o ombro esquerdo — e no alto da cabeça um minúsculo boné com uma pena de falcão. E de tal maneira os países formados depois da guerra acolheram com entusiasmo a organização da milícia de Tyrs, que ao IX Congresso dos Sokols que acaba de realizar-se, compareceram também *sokols* polacos, yugoslavos, russos brancos e bulgaros, e enviaram delegações de atletas a Roménia, a Finlândia, a Espanha, a América do Norte, a Inglaterra, a Holanda, a Bélgica, a Lituania e a França. Portugal, apesar de insistentemente convidado pelo representante diplomático da Checo-Eslováquia em Lisboa, sr. dr. Karel Strup, faltou à chamada. E foi pena, porque se realizava uma bela propaganda do país.

15.000 MULHERES EXECUTANDO EXERCÍCIOS [COM BOMBAS]

UMA BELA ATITUDE GIMNÁSTICA DAS 17.000 MULHERES QUE SE EXIBIRAM NO «STADIUM»

17.000 HOMENS FAZENDO EXERCÍCIOS DE GIMNÁSTICA RESPIRATÓRIA

Mais de 150 mil pessoas assistiam quotidianamente aos exercícios. De cada vez trabalhavam ora 17 mil homens, ora 17 mil mulheres. Quando qualquer dêstes núcleos, em filas de 24 de largo por 500 de fundo, entrava em campo ao som duma orquestra que jàmais deixava de tocar, o vermelho das boinas lembrava um vasto campo de papoilas batido pela aragem. Doutras vezes eram os homens que cantando, executavam os mais perfeitos exercícios, sem uma falha, sem uma nota discordante. Mais pareciam figuras metálicas que homens. A disciplina, o ritmo e a ordem, não eram ali, no majestoso Stadium de Praga, palavras vãs. Alguns exercícios eram realizados por mulheres empunhando massas indianas ou corôas romanas. Quinze mil homens de 50 a 70 anos executaram também movimentos físicos como se fôssem rapazes. As delegações estrangeiras maravilharam a assistência, e apesar de muitos países enviarem núcleos numerosíssimos, os 8 atletas que representaram a Finlândia conseguiram levantar a multidão em pêso numa homenagem à sua Pátria.

*

A fim de assistir ao IX Congresso dos Sokols estiveram em Praga 134 jornalistas representando 40 países. Para todos o govêrno checo-eslovaco foi duma gentileza inexcedível. Banquetes, recepções, festas, passeios, discursos, etc., foram alvo os representantes da grande Imprensa. A cidade abrigou 300 mil estrangeiros e 500 mil *sokols*.

Mesmo assim, Portugal se não enviou um grupo de atletas, fêz-se representar pelos srs. tenente-coronel Abreu Campos, pelo Exército; dr. Gomes dos Santos, pela Escola Superior de Educação Física, e o autor destas linhas, pela Imprensa. O próximo Congresso realizar-se-á em 1938. É absolutamente indispensável que Portugal se faça representar.

Armando de Aguiar.

SOBERBO ASPECTO DO «STADIUM» DE PRAGA DURANTE OS EXERCÍCIOS DE 17.000 HOMENS

Solilóquios e Comentários

CATÃO, conta-o Plutarco, nas *Vidas dos homens ilustres*, dizia que a alma de um homem amoroso vive num corpo que não é o seu, e que das três coisas de que em tôda a sua vida se arrependera a primeira era a de ter confiado um segrêdo a uma mulher.

.....

Palavras cínicas que têm mais de mil e oitocentos anos e que estão tão frescas como se acabassem de ser ditas agora.

*

DE Sienkiewicz, no *Sem Dogma*:

«Sim, mil vezes sim! Quando tiveres conquistado glória, celebridade e laureis, vai ter com a mulher amada e dize-lhe: a glória, por causa da qual tantos ambiciosos perecem, a glória que é considerada como a mais alta expressão da felicidade, que é tão requestada como a riqueza, conquistei-a só para ti, para ta lançar aos pés».

.....

E verás se ela te não atraiçôa com o primeiro gabarola fátuo e vazio que lhe apareça.

*

O coração é a lareira onde arde o amor. E às vezes êste crepita em tão altas labaredas que chegam alto onde a Razão mora. É por isso que às vezes o Amor «tem razões que a Razão não conhece». E como havia de conhecê-las, a pobre, se há muito dera a alma ao Criador!...

*

DISSESTE-ME que se ama uma só vez na vida. Não é verdade. Também as árvores nem só uma vez dão flor.

*

ATRAVESSAMOS uma época em que as almas se debatem sedentas de qualquer coisa que não tem. Em compensação sobra-lhes angústia, a incerteza do dia de àmanhã e do que virá com êles. E a apreensão de que a idade da palavra passou já para dar lugar à da guerra e do morticínio. A voz humana está rouca de gritar. Vão falar as guelas dos canhões. Parecem de àmanhã as palavras que Nietzsche escreveu ontem: «O homem deve ser educado para a guerra, e a mulher para o prazer do guerreiro. Tudo o mais é loucura».

*

FUNDOU-SE entre nós uma Sociedade de Gastronomia, que tem por fins «promover o estudo dos alimentos quanto à sua origem, produção, apresentação e paladar, fabrico, para conseguir melhorá-los, e nestes termos procura: fazer ressaltar a cozinha nacional, melhorando-a, elevando-a ao lugar que deve ter, defendendo a cozinha regional e os produtos alimentares portugueses de primeira qualidade; promover exposições, concursos, semanas de culinária e fazer publicações concernentes à gastronomia e ao turismo nacional; criar em cada região núcleos de emulação propícios a elevar o nível da cozinha local e a manter as boas tradições culinárias; propagandear e afirmar o valor dos bons produtos nacionais, encorajando as suas boas qualidades e a sua apresentação condigna; apontar as fraudes e contrafacções alimentares e lutar contra a concorrência de produtos estrangeiros com os bons produtos portugueses; coligir elementos para a História da cozinha e da alimentação portuguesa nas suas características e nas suas influências estrangeiras; promover e auxiliar a criação de escolas culinárias e de serviços caseiros; prestar

homenagem aos escritores e homens de ciência que têm lutado por melhorar as condições da alimentação, base da vida sã e duradoira, em resumo: a Sociedade dá todo o seu concurso à boa cozinha e aos bons produtos, procura melhorar o turismo tornando-o mais agradável, indicando onde se encontra o confôrto e boa mesa nos hoteis e pensões, incitando e encorajando a conservação das tradições e costumes que mereçam respeitar-se». Terá apenas 40 sócios escolhidos e legislará para o bom gôsto, para que um novo Beckford não possa escrever como o outro escreveu sôbre a côrte da nossa raínha D. Maria I: «Devem os portugueses ter estômagos de abestruz para digerirem a grande quantidade de saborosas viandas com que se empanturram. Os seus vegetais, o seu arroz, as suas aves, são todos estufados, cozidos na substância do presunto, e tão fortemente temperados com pimenta e cravo, que uma colher de ervilhas ou a quarta parte de uma cebola são suficientes para nos deixar a bôca a arder. Com uma tal dieta e o contínuo gulosar de dôces não me surpreende que se queixem tantas vezes de dôres de cabeça e de ataques nervosos». Mas, parece que esta cozinha teve artes de conquistar Beckford, porque êle algumas cartas depois escreve entusiasmado com um banquete a que assistira: «O serviço era esplêndido, um banquete em forma. Tivemos manjar branco e manjar real, e, entre outras saborosas iguarias, um certo guisado de frangãos com arroz que muito me agradou...»

*

SANJURJO, condenado à morte, foi indultado. A República dignificou-se não querendo manchar de sangue as suas mãos. Só os fortes são generosos, e a novíssima Espanha mostrou que era as duas coisas.

*

A Alemanha está na fase da repressão do nudismo. A época mais amoral de todos os tempos busca hipòcritamente convencer-nos de que é casta e púdica. E deixando todos os dias morrer de fome e frio alguns milhares de maltrapilhos sem rebuço, córa porque nas praias de banhos se viram as pernas a qualquer madama. Coisas da vida que passa, iguais às da que passou e semelhantes às da que há-de vir.

*

O escritor americano Lewis, celebrizado pelo prémio Nobel, tem uma novela que chamou *O Doutor Arrowsmith*, a novela do médico. É o romance de um médico americano, muito diferente dos médicos europeus, e a certa altura escreve: «como otorinolaringólogo julgava que as amigdalas foram colocadas no organismo humano com o único fim de pagar aos especialistas automóveis de luxo». Também às vezes aparecem dêsses pela velha Europa, mas são raros, felizmente. Médico há, na crise que atravessamos, que se contentaria com o lugar de *chauffeur*. É um capítulo da miséria dourada, a escrever, por um homem de génio.

*

A vida é triste, dizia um velho. A vida é boa, dizia um namorado. Ambos se enganavam. A vida é como a gente tem a alma. Lá fora os dias são iguais a outros que passaram e a outros que hão-de vir. Nós é que perdemos fàcilmente a lembrança dos males sofridos e não sabemos apreciar bem as alegrias que temos. E assim será até que a Morte, velha trapeira, nos pescar com o seu gancho.

Albino Forjaz de Sampaio.

NOTICIAS DA QUINZENA

NO TEJO

Tocou há dias, no pôrto de Lisboa mais um pequeno veleiro que anda tentando dar a volta ao mundo. É tripulado por três alemães, srs. William Lis, Heinrich Heidtman e Ernst Eberhardt. O primeiro, que é o capitão do barco, atravessou o Atlântico num outro veleiro, o *Lismore*, na regata transatlântica de 1931.

O seu *yacht* actual chama-se *Hummel-Hummel*, e tem 9m,5 de comprimento por 2m,8 de bôca. Durante a sua permanência em Lisboa foi reparado pelo Club Náutico dos Oficiais e Aspirantes da Armada, em cuja ponte encalhou para pintura de casco. É êsse trabalho que mostra a fotografia que publicamos. William Lis dirige-se às Canárias e daí tentará a travessia do Atlântico até ao Canal do Panamá.

A ILUSTRAÇÃO não remunera as colaborações que não solicita, nem se responsabiliza pela publicação das que lhe fôrem enviadas.

FRANÇA E PORTUGAL

O novo ministro de França em Portugal, sr. Jesse Curely, entregou, na última semana, as suas credenciais ao Chefe do Estado. A audiência efectuou-se no Sala Luís XV, onde se encontravam, além do Presidente da República, os srs. ministro dos Negócios Estrangeiros e os respectivos ajudantes. Após os cumprimentos, trocaram-se os discursos do estilo.

A CHECO-ESLOVAQUIA E PORTUGAL

Durante o Congresso dos Sokols, em Praga, reüniram-se cêrca de 140 jornalistas. Entre êles, figurou o nosso colega na imprensa e colaborador da *Ilustração*, sr. Armando de Aguiar, que representou o jornalismo português. Ao centro da fotografia vê-se o presidente Masarik.

PORTUGAL LÁ FÔRA

Está em Lisboa o nosso cônsul em Riga, sr. D. Brakman, grande e sincero amigo de Portugal. Pouco se demorará entre nós. Sabemos, no entanto, que será alvo de várias homenagens de carinho e de amizade.

ARMANDO NARCISO

O conhecido médico e escritor sr. dr. Armando Narciso, acaba de lançar no mercado um livro intitulado *Terra Açoreana*. É uma obra que deve ser lida pelos que se interessam pelas nossas ilhas e pelos naturais, que têm nela algumas páginas de grande emoção e patriotismo.

A apresentação do volume é cuidada, tendo um óptimo aspecto gráfico.

NAS PEDRAS SALGADAS — A ÉPOCA TERMAL NAS PEDRAS SALGADAS, ÊSTE ANO, ESTÁ DECORRENDO COM O MAIOR ENTUSIASMO, SUCEDENDO-SE OS DIVERTIMENTOS, QUÁSI QUE DIÀRIAMENTE, SÃO BAILES, JANTARES À AMERICANA, TORNEIOS DE TENNIS, CONCURSO HÍPICO, GINKANA DE AUTOMÓVEIS, REGATAS NO LAGO, GINKANA DE BURROS, TORNEIOS DE «GOLF» EM MINIATURA E OUTROS DIVERTIMENTOS PARTICULARES, COMO «PIC-NICS», PASSEIOS DE AUTOMÓVEL, ETC. OS HOTEIS ESTÃO COMPLETAMENTE CHEIOS, DESDE 1928 QUE TAL NÃO SUCEDIA, O QUE DENOTA O INTERÊSSE QUE OS PORTUGUESES VÃO TENDO PELO QUE É SEU, POIS QUE AS ÁGUAS DAS PEDRAS SALGADAS RIVALIZAM BRILHANTEMENTE COM AS SUAS CONGÊNERES ESTRANGEIRAS. O SEU ESTABELECIMENTO TERMAL, DE QUE É DIRECTOR CLÍNICO O SR. DR. CASCÃO DE ANCIÃES, É MODELAR

A III Volta a Portugal em biciclete

O corredor José Maria Nicolau, o favorito da corrida, cortando a meta de Setúbal, seguido de Alfredo Trindade

Nicolau entrando em Faro com 14 segundos de avanço sôbre Alfredo Trindade

A largada dos concorrentes em Faro, quinta étape

Os corredores saíndo de Vila Viçosa

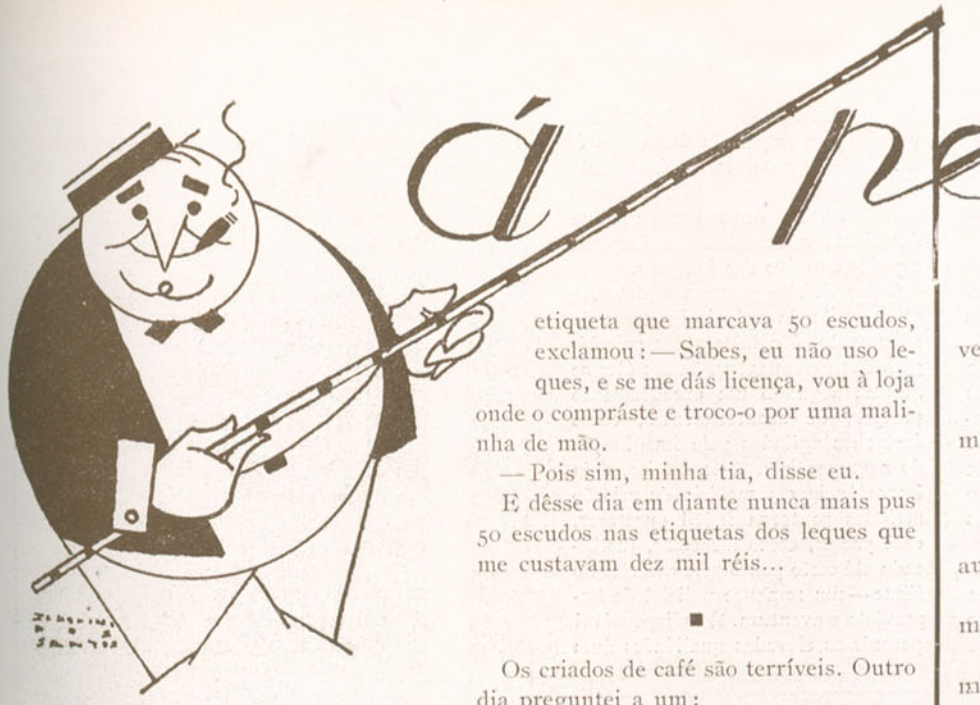
A saída de Évora, início da sétima étape

O ouro através dos séculos

O gráfico mostrando as reservas de oiro do Banco de Portugal e a circulação fiduciária desde 1888 que ilustravam o artigo que publicámos sôbre a conferência do sr. engenheiro Araújo Correia, necessita duma explicação que, por lapso, não foi dada no nosso número quinze.

Estando as duas curvas referidas a unidades diferentes — libras oiro e contos de valor oiro variável conforme o câmbio, não há entre elas outra relação que não seja a de simples comparação e conveniência em mostrar como as reservas metálicas do nosso Banco Emissor variaram num período de intensa oscilação da moeda portuguesa em relação à libra.

Á pesca



—O meu irmão padre anda a estudar medicina.

—E qual é a vantagem?

—Muito grande. Daqui a alguns anos é médico e cura.

■

Encontrei ontem o meu amigo Lopes que vinha muito pesaroso.

—O que é isso, ó Lopes?

—Deixa-me cá. Imagina que por várias vezes e sempre que eu sáio lá vai um gatuno a casa para me roubar! Então resolvi saír de casa e deixar a torneira do gás aberta, para quando o ladrão lá entrasse morrer asfixiado.

—E depois?

—Depois o bandido foi lá de noite, acendeu um fósforo... e agora aqui ando eu que não sou capaz de encontrar nem a casa nem o gatuno!

■

—Tive um amigo, proprietário duma tabacaria, que fêz fortuna anunciando que dava um acendedor a quem comprasse um charuto ou um maço de cigarros.

—Mas isso devia dar-lhe prejuízo.

—Qual história. É que o acendedor que êle dava aos freguezes era um fósforo.

■

No Jardim Zoológico:

—E êste hipopótamo é macho?

—Não, senhor. É do belo sexo.

■

Para festejar o aniversário natalício de uma tia minha, ofereci-lhe um bonito leque.

—É lindíssimo, disse ela, e vendo a etiqueta que marcava 50 escudos, exclamou: —Sabes, eu não uso leques, e se me dás licença, vou à loja onde o compráste e troco-o por uma malinha de mão.

—Pois sim, minha tia, disse eu.

E dêsse dia em diante nunca mais pus 50 escudos nas etiquetas dos leques que me custavam dez mil réis...

■

Os criados de café são terríveis. Outro dia preguntei a um:

—Porque é que você não deixa dormir aquele frèguês?

—Porque cada vez que o acordo paga-me a conta.

■

—Meu irmão chegou ontem duma caçada aos lobos.

—E teve sorte?

—Muita... Não lhe apareceu nem um!...

■

—Nesse caso o meu amigo foi o único que se salvou do naufrágio?

—É verdade, tive essa sorte.

—E como se salvou?

—Perdi o vapor.

■

—O senhor é capaz de me dizer que eu lhe roubei a medalha de ouro que lhe caíu na rua?...

—Não, senhor; eu o que disse é que se o meu amigo não me tivesse ajudado a procurá-la, naturalmente, quem a tinha encontrado era eu...

■

—Eu já atravessei nove vezes o Atlântico!

—Nesse caso, o senhor é americano.

—Porque diz isso?

—Porque se tivesse nascido em Portugal e tivesse atravessado nove vezes o Atlântico, neste momento devia estar na América.

■

Um frèguês entra num restaurante da província e pede meio frango assado. Ao fim de esperar vinte minutos, chama o criado e pregunta-lhe:

—Então êsse frango vem ou não vem?

—Desculpe, mas estamos à espera que venha outro frèguês que queira frango.

—Essa agora?!...

—Talvez o senhor quisesse que se matasse meio frango só para si!...

■

Um novo rico é atropelado por um automóvel e recolhe ao hospital.

—Doutor... diga-me a verdade, por mais terrível que seja.

—Coragem, meu bom amigo; o automóvel que o atropelou era um *Ford!*

■

O poeta Libório aparece com um dos olhos esmurrado:

—Lês-te os teus versos a alguém?

—Nunca li os meus versos a ninguém.

—Então, quem é que te pôs o ôlho nesse estado?...

■

—Faz o favor de me dar um fósforo?

—Pois não...

—Ai que me esqueci do tabaco em casa...

—Então queira ter a bondade de me devolver o fósforo.

■

O meu amigo Isidoro era tão económico que olhava por cima dos óculos para não gastar os vidros.

■

Numa relojoaria:

—Vendendo o senhor os relógios pelo preço que lhe custam, onde está o lucro?

—Nos concertos.

■

No Torel:

O juíz (ao agente): —O que lhe disse o assassino quando o senhor o prendeu?

O agente: —Respondeu-me mecânicamente.

O juíz: —Não compreendo.

O agente: —Deu-me com um martelo na cabeça.

■

Na Boa-Hora:

—E o senhor não se lembrou da sua pobre mãi, quando roubou a camisa?...

—Não, senhor; era uma camisa de homem.

O pescador — **Lino Ferreira.**

CINEMA

Revista das Estreias

UMA *louca aventura*, o filme que o São Luíz exibiu, merece, entre os poucos filmes apresentados, a honra dum lugar de destaque.

Não se trata, verdadeiramente, duma obra superior, que se imponha por características excepcionais. Tem até defeitos que procuraremos sublinhar. Mas importa reconhecer desde já que contém inovações dignas de registo e essa realização cuidada que é hoje o maior factor de supremacia das produções europeias.

Como inovações, a que merece, sem dúvida, maior relêvo é essa síntese fotográfica dum grande jornal com que se inicia o filme e a que uma série de ruídos musicais serve de acompanhamento. De facto, nesta «sinfonia de abertura» de imagens e sons, a conjugação dumas e doutros é particularmente feliz e o carácter musical de todos os ruídos mecânicos constitue uma verdadeira *trouvaille*.

Um pormenor a salientar é a concisão perfeita do diálogo. Na verdade, não há uma palavra a mais, nem uma única frase que não seja regida pelo ritmo das imagens. Êste predomínio da imagem sôbre o som é, de resto, um feliz sintoma de regresso às belas tradições do cinema silencioso que nos cabe aplaudir como um factor que muito beneficia a evolução do fonocinema.

No que diz respeito ao argumento deve notar-se que êle é fundamentalmente artificial e não pode resistir à mais ligeira análise crítica. É verdade que, a despeito dos seus evidentes absurdos, tem movimento e, por vezes, uma certa intensidade de emoção. Mas a *découpage* é imperfeita e a seqüência das cenas é, em algumas ocasiões, confusa. Êste defeito é, quanto a nós, o ponto vulnerável do filme por isso que desorienta o espectador e dispersa o poder emotivo das imagens.

Outro defeito grave a registar, e que resulta da própria natureza do argumento, é o falso valor psicológico das personagens. Todos êles se movem segundo um encadeamento previsto de acontecimentos, como fantoches agitados pela imaginação do argumentista. Êste defeito, cuja importância em matéria de criação artística se torna inútil encarecer, está porém, como dissemos, justificado até certo ponto pelo carácter do filme — um romance policial de imprevisto e aventura. É indispensável possuir as elevadas qualidades dum dos raros mestres do género para fugir ao perigo de dar aos personagens uma psicologia fictícia.

Independentemente do seu valor emotivo, o argumento pode ainda suscitar o interêsse do público — e decerto o fêz para uma grande parte — como relato fantasioso da vida jornalística. A existência animada do jornalista, com todo o seu movimento, o seu imprevisto e as suas aventuras, ilustra a melhor parte do filme. A descrição é, sem dúvida, fantasiosa ainda que a consideremos como referindo-se à mais alta categoria de jornalismo da Europa. Mas o próprio exagêro acrescenta novas côres brilhantes às que êle já reveste na nossa imaginação. Tôda a intriga gira, em resumo, à volta dum caso de alta reportagem em que o amor põe a necessária nota romanesca.

Na interpretação, Mary Glory é a melhor. Pôs no seu desempenho tôda a intenção que um papel bastante superficial lhe permitiu. Jean Murat representa um pouco acima do costume. O que equivale a dizer que o seu trabalho é nitidamente bom. Marie Bell tem um papel difícil, mas soube vencê-lo com inteligência e graça.

A realização, como no princípio dissemos, é excelente. Carl Froelich soube extrair do assunto ingrato que lhe foi confiado um filme cujas deficiências estão compensadas por um estilo cinegráfico cheio de personalidade e interêsse.

Acompanhando êste programa exibiu-se o documentário da III Volta a Portugal em bicicleta que merece algumas reflexões. Não pode, de modo algum, o filme satisfazer-nos como reportagem do início desta jornada desportiva. Mas seria injusto recusar-lhe todo o merecimento e sobretudo uma honesta vontade de acertar, de fazer alguma cousa de bem cinematográfico. E quando dizemos isto referimo-nos, especialmente, à intenção de dar à câmara tôda a mobilidade, de procurar um dinamismo intenso de imagens, em vez de fotografias imóveis de que tanto enfermam as películas nacionais. A verdade é que nem sempre as deslocações da câmara se fazem com felicidade. Há mutações demasiado bruscas, *travellings* a que falta regularidade de movimento, deslocações súbitas de desagradável efeito. Mas a imperfeição é aqui, acima de tudo, de ordem técnica e o louvável desejo de acentuar o movimento subsiste, portanto.

Mário Pires dirigiu a realização. Exibiu-se ante a objectiva mais do que é costume e do que seria necessário. Mas as boas intenções que acima lhe atribuímos, absolvem-no dessa culpa.

M. L. Rodrigues.

DE CIMA PARA BAIXO: — SYLVIA SIDNEY, PHILLIPS HOLMES E WYNNIE GIBSON

CINEMA

NOTA DA QUINZENA

A esfinge dos filmes

GRETA *Garbo tem sido, desde que os produtores resolveram impô-la ao mundo como a suprema encarnação da arte, objecto da mais gigantesca publicidade. Uma campanha sistemática que dura há longos anos, orientada com aquela insistência e espírito prático que caracterizam as realizações americanas, tem logrado manter em volta dela o interêsse constante do público que, por todo o mundo civilizado, a admira.*

Greta é, no dizer dos seus biógrafos e de todos os que sôbre ela têm escrito, uma rapariga modesta, a quem repugnam as ostentações publicitárias. Daí a ideia de explorar a sua reserva, o seu recato, os seus silêncios discretos, como outros tantos factores de propaganda. E o expediente, baseado em princípios psicológicos inteiramente rigorosos, teve, como não podia deixar de ser, o mais absoluto êxito. A Greta Garbo, modesta e desafectada, surgiu assim como um enigma insondável, uma espécie de esfinge dos filmes, cuja serena mudez oculta incognoscíveis desígnios.

Actualmente, é ainda Greta Garbo que concentra o interêsse de todos que, pelas sete partidas do mundo, se ocupam um pouco do cinema e dos seus artistas. Há muito que se atribuia a Greta Garbo o intento de abandonar a vida dos estúdios e regressar à sua querida Suécia. Agora, terminado o seu contrato com a «Metro», Greta partiu para a pátria, sempre cercada do mais rigoroso incógnito.

Sôbre os seus projectos nada se sabe. Atribuiu-se-lhe, em tempo, o intento de fundar na sua terra natal uma emprêsa produtora, que ela própria financiaria e orientaria. Mas essa hipótese parece estar afastada. Por outro lado, ignora-se tudo acêrca das negociações que, decerto, tiveram lugar, sôbre a renovação do seu contrato. Corre que essa renovação se efectuou por mais 3 anos, durante os quais Greta receberá a linda quantia de 360.000 libras, ou sejam quási 40.000 contos, mas esta notícia não teve, por ora, confirmação.

Tratando-se de uma «estrêla», tudo teria já corrido mundo, relatado nos mais pequenos pormenores. Mas Greta Garbo não é uma «estrêla» — é uma «nebulosa», se quiserem, para não abandonar a linguagem astronómica. — M. R.

卐 卐

No dia 21 de Agôsto último passou o sexto aniversário da morte de Rodolfo Valentino.

Os seus admiradores de todo o mundo aproveitaram êsse dia para homenagear a sua memória de diversos modos: uns, exibindo os seus filmes, outros, realizando obras de caridade.

Numa época de egoísmos, estas admirações saüdosas e cheias de piedade, que se manifestam em obras de beneficência, dão bem a medida do poder de sugestão do cinema.

卐 卐

Os jogos olímpicos, últimamente efectuados em Los Angeles, nas imediações de Hollywood, vieram alterar sensìvelmente o ritmo da vida na grande cidade dos filmes.

Em primeiro lugar, as grandes competições despertaram um interêsse bem compreensível entre os actores, todos, mais ou menos, dados à prática de desportos e, alguns até, especialistas num ou noutro género.

Assim, John Gilbert, Neil Hamilton e Gary Cooper seguiram, com grande entusiasmo, as provas de equitação. Norma Shearer, Jean Harlow, Richard Arlen e Johnny Weissmüller interessaram-se pela natação. Êste último com fundadas razões, visto que foi campeão olímpico nos últimos jogos. Wallare Beery, Richard Dix e Lupe Velez não faltaram a nenhum desafio de luta ou *box*. Escusado será dizer que, lá como cá, foi o *foot-ball* que reüniu a maioria das predilecções e os actores figuraram sempre em grande número nos diversos jogos internacionais.

O outro modo porque as Olimpíadas vieram perturbar a vida de Hollywood, foi a afluência de visitantes aos estúdios que elas determinaram.

De facto quási tôdas as empresas produtoras foram assediadas por uma imensidade de pedidos de pessoas desejosas de conhecer o interior dos estúdios. Na impossibilidade de conceder entrada durante a filmagem, que tem de ser feita no meio do mais rigoroso silêncio, resolveu-se suspender todos os dias o trabalho durante o tempo em que os visitantes eram admitidos, muito embora actores e realizadores representassem os seus respectivos papéis durante êsses momentos.

É claro que cada uma destas paragens representou para a emprêsa amável uma elevada quantia de prejuizo.

DE CIMA PARA BAIXO: — CAROLE LOMBARD, EDDIE QUILLAN E FRANCES DEE

CINEMA

"RIN-TIN-TIN" E A SUA OBRA

«Rin-tin-tin», aquele lobo da Alsácia que o cinema celebrizou, morreu há pouco em Hollywood. Não se trata dum acontecimento banal. A morte dum cão pode, em certos casos, ter quási a trágica gravidade da morte dum ser humano.

A existência dêste cão famoso é um símbolo. Êle representa, no cinema, o animal meigo, fiel, dedicado até ao sacrifício que tem acompanhado o Homem através da sua evolução. Há, evidentemente, muitos outros cães que o cinema pôs em evidência. Mas nenhum simbolizou como êste a lealdade e a dedicação, nenhum fêz vibrar tão intensamente as plateias com as suas generosas intervenções, com o seu esfôrço desinteressado posto ao serviço de causas justas.

«Rin-tin-tin» foi admirado como só raros actores têm conseguido ser. A vaidade, atributo essencialmente humano, nunca o atingiu. Viveu sempre na ignorância da sua popularidade, empenhado apenas em executar as ordens do dono. E não se veja na admiração que o cercou um dos absurdos em que a nossa época é fértil. «Rin-tin-tin» foi, como dissemos, um símbolo. O carinho e a simpatia das multidões que aplaudiram os seus filmes são o merecido tributo ao mais fiel amigo do Homem, à sua inteligência e à sua dedicação. E «Rin-tin-tin», que possuia essas virtudes no mais elevado grau, não tinha nenhum dos pequenos defeitos que deslustram qualquer seu colega do género humano.

Morreu novo. Tinha apenas quinze anos de idade o que, mesmo na vida dum cão, é pouco. A sua vida fôra, porém, violenta. Nos primeiros tempos conheceu as piores agruras do destino. Foi encontrado semi-morto de fome e frio nos campos de batalha de Metz, por um oficial do exército americano. A mãi abandonara-o, dementada talvez pelos horrores da luta de que foi testemunha ou vítima inocente de alguma bala.

Partiu para a Europa e aí o seu salvador, capitão Duncan, tratou de adestrá-lo como cão-polícia. «Rin-tin-tin» deu logo mostras de excepcional inteligência e no primeiro concurso em que tomou parte um reporter conseguiu obter alguns surpreendentes aspectos dos seus saltos. Foi assistindo à exibição dêsse filme de actualidades que a ideia de utilizar as suas maravilhosas faculdades no cinema surgiu no espírito do seu dono. Pouco tempo depois, «Rin-tin-tin» passava a fazer parte do elenco da «Warner Bros». Começava para êle a vida intensa e exaustiva dos estúdios, com a sua série de êxitos que poucas compensações lhe trouxeram. Trabalhou ao lado de artistas da mais elevada categoria. Em alguns filmes, o seu nome, já muito conhecido do público, figurou a par dos de Lupe Velez, Dolores Costello, John Barrymore, Douglas Fairbanks Júnior e outros.

A sua carreira foi um tanto prejudicada pelo fonocinema. De facto, o som não vinha aumentar as suas faculdades de expressão que residiam principalmente no movimento. Ladrar ou uivar pouco interêsse poderia acrescer às suas interpretações. Para mais, desde então que passou a ser necessário fazê-lo trabalhar sem ser orientado pelas ordens do dono, visto que só os ruídos próprios da cena poderiam ser recolhidos. Esta dificuldade foi, de resto, vencida duma forma curiosa. Estava ao seu serviço um cêsto de brinquedos onde havia de tudo o que era necessário para despertar nêle os mais diversos sentimentos. Um gato de veludo enfurecia-o; um coelho de lã fazia-o espetar as orelhas; um leão pequeno fazia-o ladrar durante o tempo necessário.

Durante muito tempo correu o boato de que «Rin-tin-tin» havia morrido e que um cão semelhante ocupava o seu lugar nos filmes. Não acontecia, porém, isso. Só numa ou noutra cena, particularmente mais difícil, «Rin-tin-tin», como todo o grande artista, era substituído por um «duplo». A idade já lhe tornava difíceis certos saltos, que eram então realizados por seu filho, outro lobo da Alsácia, cuja perfeita semelhança tornava impossível reconhecer o *truc*. Mas a êle continuavam sendo confiadas as cenas de interpretação mais complicada, em que a sua intuição e longa prática não podiam, com facilidade, encontrar substituição.

«Rin-tin-tin», como artista que foi adentro dos seus recursos, deixa uma obra dispersa por uma série de filmes que numa época pouco distante fizeram as delícias dum público numeroso. Êsses filmes eram, de resto, todos semelhantes uns aos outros, o que não lhes tira nada do seu particular sabor. Àparte um ou outro pormenor, havia sempre um momento em que «Rin-tin-tin» era a única esperança de salvação da «rapariga» ou do herói, vítimas das maquinações dum bandido feroz e ingénuo. Nêstes casos, a corrida de «Rin-tin-tin» que terminava pela luta vitoriosa com o «vilão», prolongava-se enervantemente durante muitas cenas. No fim havia sempre um obstáculo maior que todos que o inteligente animal transpunha dum salto após diversas tentativas, o que lhe permitia caír em cheio sôbre o miserável e dominá-lo.

Assim terminavam quási todos os filmes de «Rin-tin-tin» em que o belo animal, personificando a justiça e a dedicação, acabava sempre por vencer o crime, arrancando um suspiro de satisfação aos espectadores que haviam seguido ansiosos o desenrolar das peripécias.

Esta simplicidade de forma na confecção dos filmes não implica porém que «Rin-tin-tin» não pudesse ter sido utilizado num sentido mais elevado. Devemos antes atribuir o facto ao espírito simplista e uniformizador do industrial americano que impõe o seu artigo a golpes de publicidade e, uma vez êle conhecido, nada mais pensa do que explorar indefinidamente o filão que se lhe oferece.

«Rin-tin-tin» possuia, de facto, excepcionais faculdades de assimilação e expressão. Não se limitava nos seus numerosos filmes a executar as ordens do dono como um bom cão amestrado. Íamos quási dizer que punha uma certa vibração íntima no desempenho de certas cenas capitais. Fora disso fazia-se ainda admirar pelo extraordinário triunfo da inteligência sôbre o instinto que o seu trabalho por vezes denunciava. Assim, por exemplo, num dos seus muitos filmes que vimos «Rin-tin-tin» é o único companheiro do guarda dum farol que vive isolado sôbre umas ilhotas do oceano. Um dia, as criminosas maquinações duma quadrilha fazem com que o farol não se acenda com o fim de provocar naufrágios. Intervem então «Rin-tin-tin». Será êle quem acende o farol. À custa dum trabalho paciente lança fogo a uns restos de algodão, e com êles já inflamados entre os dentes corre a lançá-los no farol. Basta reflectir no que o fogo representa para todos os animais como elemento destruidor para que se compreenda a enorme vitória de educação sôbre o atavismo. E todos êstes resultados foram sempre obtidos por meios suaves, sem que, no dizer do próprio dono, tivesse havido alguma vez necessidade de lhe bater.

Hoje, o herói de tantas aventuras, dorme o último sono sob uma lápida simples, em Santa Mónica, onde o dono fêz inscrever um epitáfio de saüdade e reconhecimento. Junto dêle repousam também o gato de veludo, o coelho e o leão — as três cousas que na vida mais o haviam impressionado.

UMA ORIGINAL «TOILETTE» DE JEAN HARLOW

...Vida Feminina

LONDRES, AGOSTO. — *Não há no mundo, estou certa disso, paisagem mais fresca, mais suave, mais edénica, do que a paisagem de Londres. Essa paisagem, de um encanto tão doce, explica-nos a sentimentalidade estranha dos poetas ingleses e a maravilhosa doçura dos tons dos seus pintores. O passeio a Hampton Court, passeio que não há ninguém que venha a Londres não faça, passeio que parece ser banal, é uma das melhores revelações do que é a vida inglesa e da própria paisagem da Inglaterra. Chegando a Richmond toma-se um barco que nos leva rio acima, entre margens da mais aveludada e doce relva, uma relva que é* pelúche *côr de esmeralda, entre árvores dos mais lindos tons de verde, e quem tiver como eu a sorte de fazer êsse passeio numa tarde quente, cheia de sol e com um céu do mais lindo azul, guardará sempre a impressão de que viu uma das mais belas paisagens do universo e terá a impressão de que esteve no paraiso. Não lhes falarei do palácio nem das riquezas que êle encerra, não me referirei aos jardins maravilhosamente tratados, mas apenas ao rio, à relva e à juventude florida e saüdável que povôa o rio de barcos e as margens de beleza, dando-nos a impressão que naiades e ninfas voltaram a povoar o prosaico mundo do século* XX. *Barcos onde sòmente se veem pares de namorados, rapazes de uma beleza grega e raparigas da mais delicada formosura, sulcam as águas tranqüilas e azuladas do Tamisa. Um gramofone, um* lunch, *um enorme ramo de flores e êles aí vão num real «embarquement pour Cytère». Raparigas lindas, em «maillots» berrantes, nadam nas margens e êsse rio tão belo, de margens tão belas, povoado de gente moça, perfeita, saüdável, cheia de vida, de ternura e de fôrça, dá-nos uma impressão de quási irreal, a nós habituados à tristeza sorumbática de um povo, que só se diverte em berros estridentes ou em decadentes canções. Aqui sente-se na maneira delicada como se divertem, que há um povo educado. Mas uma das grandes belezas de Hampton Court são as casinhas de madeira que povoam as suas margens, meio casas, meio barcos. Tôdas têm um pequenino jardim na margem, que se pode chamar, sem exagêro, um «bouquet» das mais lindas, das mais frescas flores que tenho visto na minha vida.*

Nós, portugueses, temos duas grandes ilusões, uma é que os ingleses não têm flores e que apreciam as nossas, porque nunca viram outras, a outra é que Sintra os deslumbra. Êles encantam-se com as nossas flores, porque, habituados a viver com as casas, jardins guarnecidos das mais lindas flores, êles não podem viver sem elas. E Sintra é um pálido arremedo da paisagem inglesa e é ainda o seu patriotismo que os faz admirar e sentir a paisagem bela de Sintra. Eu nunca supus que em Inglaterra houvesse uma tão pujante vegetação, flores tão lindas e também uma novidade, que lhes dou: nunca comi tão boa fruta. Morangos de um tamanho e de um sabor deliciosos, que me envergonharam de pensar que, como todos os que nunca vieram a Inglaterra, eu imaginava que aqui não havia fruta e que as flores seriam talvez de estufa!

Nas pequenas casas de madeira de Hampton Court as flores são a decoração exterior e interior. Pelas janelas amplamente abertas, vemos os mais cómodos «maples», mesas com revistas e livros e flores, flores de tôdas as côres dispostas em elegantíssimas «gerbes» e dando o aspecto da mais requintada elegância a essas casinhas, que só umas semanas são habitadas. Mas aqui o confôrto não se dispensa, não por semanas, mas por dias ou mesmo por horas. O passeio a Hampton Court é uma das mais belas recordações de viagem que tenho. E a Natureza, agradecendo o meu entusiasmo, brindou-me com um regresso de sonho, depois de um jantar encantador num elegante restaurante, cheio de música, dansa e alegria, com uma noite de luar de uma suavíssima temperatura!

Maria de Eça.

A Mulher e a Arte

A mulher teve sempre na Arte uma grande influência. É ela o supremo modêlo dos grandes artistas. Se a mulher não tem dado na Arte glórias, tem-nos inspirado e não há melhor prova disso do que a maravilhosa Wallace Collection, que é em Londres uma das maiores maravilhas a admirar. Nessa colecção, onde estão os melhores retratos de

Gainsborough, de Lawrence, de Reynolds e de Rommey, nós vemos glorificada a beleza da mulher. Essa fina beleza da mulher inglesa, que nenhuma outra iguala. Uma das melhores obras dêsses pintores da beleza feminina é o retrato de Mrs. Robinson, «Perdita», que é uma das mais lindas obras que se tem feito e é um dos mais harmoniosos retratos que tenho visto. A beleza delicada de «Perdita», maravilhosamente espiritualizada por Gainsborough, sobressai na brancura suave do seu vestido de cambraia e é completada pelo seu branco cão de uma aristocrática beleza, que tão perfeito conjunto faz com a da sua dona. Mas não são menos admiráveis os retratos que dela fizeram Reynolds e Rommey. Nessa galeria, em que a beleza feminina é verdadeiramente glorificada, há também um maravilhoso retrato de Mrs. Carnac, por Reynolds, em que tôda a encantadora beleza da mulher inglesa aparece aureolada pela Arte, que tão admiràvelmente a interpreta. Mas nessa colecção, em que estão reünidos os melhores quadros de Boucher e tantos outros, de uma maravilhosa perfeição, não é só a pintura que temos a admirar. É tudo, é a mais perfeita colecção de arte, que a imaginação pode sonhar, desde os móveis delicados, ornamentados pelos mais finos esmaltes do século XVIII, á colecção completa de armas e armaduras, desde as mais delicadas miniaturas, das caixinhas de joias, das *bonbonières*, das caixas de rapé de ouro de esmalte, ornamentadas com um trabalho de ôurivesaria verdadeiramente assombroso, até as melhores faianças, tudo se encontra reünido nessa colecção aninhada numa casa deliciosa, no centro de Londres, oferecida à cidade pela família Wallace, que ali residia e fazia a sua vida entre essas maravilhas artísticas, que são para os olhos uma verdadeira delícia. Hoje êsses tesouros de arte são de todos, num expontâneo oferecimento, que é uma obra meritória para a humanidade, porque não seria, na verdade, justo que tanta coisa bela fôsse propriedade particular, fôsse admirada apenas pelos seus felizes proprietários. Sir Horace Wallace, o doador ao seu país de uma das mais deslumbrandes colecções de arte mundiais, é um verdadeiro benemérito que os apaixonados de arte devem venerar, porque proporcionou, com o seu gesto tão humatário, horas de uma suprema felicidade a quem sabe abstrair das coisas triste e feias da vida, perante a beleza e a Arte.

De Mulher para Mulher

Pétala de rosa — É muito feliz por ter assim uma pele tão delicada e bela. Aconselho-a a que não use nada, visto ser tão bem dotada pela Natureza. Para chapéus a côr da moda, em Londres, é o roxo ametista. Deve favorecê-la, tendo um tão lindo tom de pele.

Rosa Silvestre — Naturalmente, que se não deve despir na praia. Isso já acabou. Sôbre o *maillot* vista o *pijama* que tira na praia. Um chapéu grande de palha, visto que o sol a incomoda.

Marieta — Não tome uma resolução imediata. Eu tenho a impressão que se está a precipitar e que não tem motivos para proceder assim. A não ser que tenha uma nova preferência e se queira libertar.

Jóvem mãe — Deve ficar encantador o seu lindo bébé com o pijama de praia. Faça-lhe o *maillot* com um corpinho. Há médicos que dizem não ser bom expôr o dorso completamente despido ao sol. Não o deixe ter frio.

Penteados

Ao saír de Lisboa tôdas me diziam que a moda regressava aos cabelos muito curtos. Em vez disso eu vejo que as elegantes das capitais por excelência adoptaram os penteados guarnecidos e que até é já freqüente os cabelos compridos e enrolados.

Damos hoje o modêlo de penteado que obteve o primeiro prémio num concurso de penteados em Londres. É apresentado de três lados e como as nossas leitoras podem ver, são abundantes os caracóis que o guarnecem e tem já o aspecto de um penteado do século XVIII. Em Londres está abolida a ondulação a ferro. A *mise-en-plis*, em que os cabeleireiros de Londres são uns verdadeiros artistas e a permanente, são as que aqui se usam, porque estragam menos o cabelo, ou mesmo não o estraga nada. O que temos de concordar é que êstes penteados favorecem mais a mulher e que condizem em absoluto com vestidos de noite compridos, fazendo um todo harmónico.

Modas

A moda, êste ano, variou por completo. As sedas tanto em favor durante os últimos anos, perderam o primeiro lugar entre os tecidos com que as mulheres do mundo envolvem o seu corpo, aumentando com os efeitos de *toilette* a beleza de que são dotadas. A lã e o algodão triunfam em tôda a linha. Nos vestidos de noite, mesmo, está o algodão em triunfo. Vestidos de *organdi* e até de tecidos que nos pareceria impossível fôssem usados em vestidos de ceremónia, como os riscados e *étamines*. Damos hoje um lindo modêlo em *organdi* para *toilette* de Casino. Em côr de limão, é de uma frescura surpreendente o efeito dêste vestido, ajustado ao corpo, todo em preguinhas miudas. Cai graciosamente, envolvendo o corpo como numa nuvem. Uma graciosa *berthe* forma as mangas e contribui para o aspecto de leveza, formando como que umas ásas. É guarnecido por um ramo de rosas amarelas. Completa esta *toilette* um bonito chapéu em *organdi*. É uma maravilha de frescura e graça e não há mulher que não fique encantadora com uma *toilette* destas. Para a noite damos um modêlo em *imprimé* da mais completa simplicidade, em tecido *peau d'ange*, o tecido da moda, que é uma espécie de *crêpe marrocain* mas com um desenho mais profundo e marcado. A variedade de tecidos e de formas é agora extraordinária e os vestidos perderam por completo aquele aspecto de uniformidade que tiveram há uns anos atrás. Os mais variados tecidos, as formas mais diferentes e um aspecto dos mais interessantes, porque a uniformidade causa os nossos espíritos, sempre ávidos de coisas novas, não sòmente na vida mas em tudo o que nos rodeia e sobretudo no vestuário, que tem absolutamente de nos fazer sentir a impressão de os renovarmos contìnuamente.

Higiene e beleza

Nesta época tôdas as senhoras têm o delírio de queimar a pele e de apresentar uma cutis que rivaliza com a dos peles vermelhas da América. Mas há senhoras a quem o sol causa verdadeiras feridas incómodas

e que, infectando, se podem tornar até perigosas. Para evitar êsse mal, nada melhor do que o óleo de côco. Esfrega-se muito bem com o óleo tôdas as partes que se querem expôr ao sol, antes de tomar o banho. Deixa-se o sol aquecer um pouco e depois é que se entra no mar. À saída uma nova camada e a pele, assim protegida, toma um tom doirado, sem que fique gretadela ou ferida. Eu creio que em Lisboa há à venda nas farmácias êsse óleo, de uma tão grande utilidade nas praias. Há quem diga que o inconveniente dêsse óleo é fazer com que a pele não torne a branquear. Mas eu creio que uma pele muito exposta ao sol nunca mais volta a ter a brancura primitiva.

As mulheres e a praia

O nosso privilegiado clima permite-nos ter uma época de praia tão tardia que até Outubro se podem tomar banhos de mar e de sol. Êsse privilégio convida as senhoras a tonificarem-se nesse excelente exercício. Damos hoje um modêlo de *maillot* de banho de uma grande elegância. Em lã côr de limão é guarnecido com um cinto e alças em preto. O que o torna muito original e gracioso. Damos também três graciosos modelos de pijamas usados por três das mais elegantes raparigas inglesas e que são do mais gracioso efeito. Um dêles, usado por Miss Evelyn Stern, é formado por umas calças em malha de lã branca e *chandaille* em riscas brancas e vermelhas. Chapéu em palha branca com fita vermelha. O outro, usado por Mrs. Brentward, é composto de calças em fazenda de fantasia, blusa de seda branca e casaco em pano veludo, guarnecido a botões de prata. Damos também a fotografia das graciosas alpergatas bascas que aqui são usadíssimas nas praias.

As mãos

Uma das maiores belezas da mulher é a mão. Umas mãos bonitas atraem simpatia. Dizia-se antigamente que uma bonita mão só se podia ter quando se descendia de uma raça distinta. É possível, se atendermos à forma. Mãos esguias, pequenas, dedos afusados. Mas hoje em dia, quando se dizem mãos bonitas, não é sòmente isso. Mãos brancas, suaves, bem tratadas. Não importa se são grandes. Podem sê-lo e ser bonitas. De facto uma mão, que tem carácter, uma mão prática ou artística, é muitas vezes mais interessante do que essas pequeninas mãos, pétala de flor, mão inútil, que era há anos considerada a perfeita beleza. O que é indispensável é tratar as mãos. Uma mão grosseiramente tratada, despresada, torna feia a mulher. E não é necessário muito trabalho nem despesa para tratar as mãos. Basta ter cuidado ao lavar as mãos, de as enxugar cuidadosamente. À noite um pouco de creme. Tratar as unhas e as mãos adquirem êsse aspecto fino e delicado que lhes é indispensável e que tôda a mulher precisa de ter.

A Mulher e a elegância

Uma rapariga bonita não precisa, evidentemente, preocupar-se muito com a sua *toilette* para o ser. Mas há muita mulher que, sem possuir a verdadeira beleza de linhas, consegue ser bonita, pela maneira como veste, como compõe a sua atitude, quási como se faz ela própria. Êste género de beleza é mesmo, muitas vezes, mais *striking*, como dizem os ingleses, do que a verdadeira beleza. Uma mulher que, sendo inteligente, aplique tempo e dinheiro a fazer-se bela, hoje, consegue-o. O que é preciso, para ser completa, é não se ocupar apenas dêsse lado da sua personalidade. A aplicação dos princípios de beleza deve ser apenas um símbolo. É o meio para um fim e o supremo fim deve ser um espírito culto, perfeito, desenvolvido, num corpo belo. Só assim se consegue a verdadeira beleza, aquela que interessa profundamente aos que a conhecem e a rodeiam. Não é necessário gastar todo o tempo e energia com a beleza física. Basta dedicar-lhe o indispensável e compreender, antes de tudo, qual é o género que convém à personalidade e ao tipo. Começa então a ser uma coisa automática e instintivamente a mulher compra as coisas que inevitàvelmente a fazem bonita. As modas variam sempre e o que é necessário é que nessas modas se saiba escolher o que é adequado e não se enganar, porque então o resultado é horrível. Para a mulher que dispõe de um pequeno orçamento é muito mais difícil organizar a sua *toilette*. No entanto é ainda possível, do momento que tenha a intuição, conseguir vestir-se bem sem gastar muito. Uma das primeiras condições é não abusar das côres. Escolher duas ou três côres para as *toilettes* e obter assim um conjunto que pode ser usado com as mesmas carteiras, as mesmas luvas, o mesmo calçado, conseguindo a harmonia do vestuário, que é hoje uma condição absoluta para conseguir ser elegante. A elegância é, na mulher, um objecto de estudo e quem o sabe fazer consegue o supremo fim: a beleza.

Pensamentos

A disputa é muito agradável, sem ela dormia-se sempre.

O trabalho e a morte são horríveis a contemplar.

Enganamo-nos muitas vezes com as ordens do Destino.

Tudo no mundo tem encantos e tudo tem amarguras.

La Fontaine.

Casamentos

Realizou-se na paroquial de Nossa Senhora da Assunção, em Cascais, o casamento da sr.ª D. Lídia Gonçalves Vilar, gentil filha da sr.ª D. Maria José Gonçalves Vilar e do sr. João Gomes Vilar, com o sr. João Vasques Nunes, filho da sr.ª D. Luísa Vasques Nunes e do sr. Augusto César Nunes.

Foram madrinhas as sr.as D. Irene Vilar Gomes e D. Judit Pimenta de Castro, e padrinhos, os srs. Albino Eurico Fernandes Gomes e Dr. João Pimenta de Castro.

Celebrou o acto religioso o reverendo prior da freguesia que, no fim da missa, fêz uma brilhante alocução.

Terminada a cerimónia religiosa, foi servido, na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas prendas.

— Na paroquial de S. Sebastião da Pedreira, realizou-se o casamento da sr.ª D. Fernanda da Costa Neves, interessante filha da sr.ª D. Virgínia da Costa Neves e do sr. Fernando das Neves Ribeiro, já falecido, com o sr. João Miguel dos Santos Simões.

Serviram de madrinhas as sr.as D. Maria Esperança Costa Pinto e D. Otília dos Santos Simões, e de padrinhos, os srs. José Rodrigues Simões e o maestro Wenceslau Pinto, sendo o acto celebrado pelo reverendo Gonçalves de Carvalho, prior da freguesia do Sacramento, que no fim da cerimónia fêz uma brilhante alocução.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas prendas.

— Na igreja de S. Cristóvão de Mafamude, na capital do norte, lindamente adornada com colgaduras, tapêtes, plantas e flores nos altares, realizou-se o casamento da sr.ª D. Maria Beatriz Pinto dos Santos da Fonseca Meneres, gentil filha da sr.ª D. Josefina Pinto dos Santos Meneres e do sr. José da Fonseca Meneres, e neta dos srs. Clemente Meneres e António Pinto dos Santos Júnior, com o sr. Jaime de Sousa Correia Barbosa, filho da sr.ª D. Elvira de Sousa Correia Barbosa e do sr. Paulo Barbosa, já falecidos, e pertencendo a uma das mais ilustres e antigas famílias do Pôrto.

Os noivos — sr.ª D. Lídia Gonçalves Vilar e o sr. João Vasques Nunes — ao saírem da igreja de Nossa Senhora da Assunção, em Cascais, onde casaram

VIDA ELEGANTE

Por amável aquiescência do sr. abade de S. Cristóvão de Mafamude, celebrou o casamento e rezou a missa o sr. abade de Santo Ildefonso, sr. Adriano Moreira Martins, velho amigo da família do noivo, que no fim falou brilhantemente.

Foram padrinhos da noiva, seus pais, e do noivo, seus irmãos, sr.ª D. Maria Guilhermina de Sousa Correia Barbosa e o sr. dr. Paulo de Sousa Correia Barbosa.

De caudatários, serviram os meninos: Maria José Rebêlo de Carvalho Meneres, Isabel Maria Meneres Martins Manso, António dos Santos Moreira Barbosa e Rúi dos Santos Moreira Correia Barbosa, tendo os meninos Paulo de Faria Barbosa e Maria Helena de Faria Barbosa conduzido as almofadas, e levando as alianças a menina Maria da Graça Morais Barbosa.

Na assistência viam-se as senhoras: D. Emília dos Santos Moreira, D. Isaura Correia de Vasconcelos, D. Ilda Brandão Miranda, D. Maria da Glória Meneres Sampaio, D. Josefina Pinto dos Santos Meneres, D. Adelaide de Freitas Meneres, D. Eurízia Veloso Correia, D. Berta Moreira Vieira Pinto, D. Maria Adelaide Pinto dos Santos Pais, D. Maria Guilhermina de Sousa Correia Barbosa, D. Luísa Rebêlo de Carvalho Meneres, D. Josefina Pinto dos Santos Meneres Manso, D. Maria Hermínia de Almeida Rovisco Garcia Meneres, D. Berta Figueiredo Faria Correia Barbosa, D. Ilda Pinto dos Santos Rebêlo de Carvalho, D. Elvira de Sousa Correia Barbosa, D. Maria Isabel Charula de Melo, D. Erna de Castro Gonçalves, D. Luísa Santos Moreira Correia Barbosa, D. Maria Assunção Pereira Galvão, D. Madalena Luizelo Rocha Brito, D. Maria do Céu Pereira Galvão, D. Maria Veloso de Sousa Correia, D. Lucília Meneres de Castro e Campos, D. Maria Helena de Faria Barbosa, etc.

E os senhores: Jaime de Sousa Correia, Carlos Alberto Marinho Pais, Manuel de Araújo Meneres, dr. Paulo de Sousa Correia Barbosa, Carlos Rodrigues de Miranda, Alberto António Martins Manso, Mário de Sousa Correia Barbosa, dr. José Pinto Meneres, Guilhermino Vieira Pinto, Eduardo Moreira de Sousa Barbosa, João Teixeira Rebêlo de Carvalho, Alberto Pinto dos Santos da Fonseca Meneres, Armando de Sousa Correia Barbosa, João Meneres de Castro e Campos, António de Sousa Correia Barbosa, Paulo Faria Barbosa, António Moreira Barbosa, etc.

Na *corbeille*, que enchia uma das salas da residência, havia lindas e preciosas prendas.

D. Nuno.

Grupo de convidados que assistiram ao casamento da sr.ª D. Maria Beatriz Pinto dos Santos da Fonseca Menéres com o sr. Jaime de Sousa Correia Barbosa, efectuado na igreja de S. Cristovão de Mafamude, no Pôrto

Concurso Fotográfico
entre amadores
organizado pela "Ilustração"

336 — Guardadora de patos — *(Foto do sr. Ruy Sena Pereira de Lacerda—Lisboa)*

340 — Zés Pereiras — *(Foto do sr. Aureliano Carneiro — Viana do Castelo)*

343 — Ao lado dos pardais... — *(Foto do sr. António da Silva Salavisa — Castelo Branco)*

337 — Parque do Gerez — *(Foto do sr. Francisco Suspiro — Coruche)*

341 — Uma das margens do Sado — Cais de Setubal — *(Foto do sr. José Tomaz da Silva — Lisboa)*

344 — Sé do Pôrto — Claustro — *(Foto do sr. João Rosa — Lisboa)*

338 — Uma rêde conduzida por dois homens de palmo e meio — *(Foto da sr.ª D. Maria Noemi Rodrigues de Araujo — Funchal)*

AOS CONCORRENTES

Como dissémos, terminou em 31 de maio último, o prazo de entrega de provas fotográficas para o Concurso, que a **Ilustração** *organisou. Temos ainda em nosso poder cêrca de 800 fotografias, que serão publicadas até dezembro, depois de seleccionadas.*

O sorteio para os prémios — que são numerosos — far-se-ha, conforme se anunciou, pela **Lotaria do Natal.** *Entre êles destaca-se um esplendido* **CINE-KODAK** *oferta da acreditada* **Casa Kodak** *que será o 1.º Prémio de Originalidade e Perfeição. Haverá ainda outro* **1.º Prémio,** *chamado* **Prémio da Sorte,** *para a fotografia, cujo número de publicação seja igual aos três algarismos finais do número contemplado com a Sorte Grande.*

345 — Vista panorâmica tirada do Alto da Ajuda — *(Foto do sr. J. P. Mendonça (Josame) — Lisboa)*

339 — O almoço do rebanho — *(Foto do sr. Fernando Silva Dias — Campo Maior)*

342 — Entardecer — *(Foto do sr. Raul Lemos — Abrantes)*

346 — Trecho do Rio Xevora — *(Foto do sr. Fernando Dias Silva — Castelo Branco)*

347 — Um rancho alegre — *(Foto do sr. Alberto Baeta — Lisboa)*

352 — Deitando milho às galinhas — *(Foto do sr. Bernardo Dias — Viana do Castelo)*

353 — Dois amigos — *(Foto do sr. Júlio Calheiros Mendes de Abreu — Lisboa)*

358 — Biblioteca da Universidade de Coimbra — *(Foto do sr. F. Fernandes Lobo — Coimbra)*

348 — Companheiro e amigo — *(Foto do sr. Manuel Abreu — Coimbra)*

354 — La Vallée près Boulogne — La Ferme — *(Foto do sr. José de Almeida Santos — Boulogne-Mer)*

359 — Na encosta — *(Foto do sr. Manuel Abreu — Coimbra)*

349 — Queluz de Baixo — *(Foto do sr. Mário Araujo Sousa — Lisboa)*

360 — Garotos jogando na rua — *(Foto sr. J. M. — Lisboa)*

350 — Castelo e margens do Tamega — *(Foto do sr. Cesar Costa — Chaves)*

355 — O Mondego em Coimbra — *(Foto do sr. Victor M. Gallo — Marinha Grande)*

361 — Concertando as redes na Póvoa do Varzim *(Foto do sr. B. Barata — Fundão)*

351 — No baloiço — *(Foto do sr. Júlio Calheiros Mendes de Abreu — Lisboa)*

356 — A Ribeira da Lage (Oeiras) — *(Foto da sr.ª D. Natália de Magalhães — Lisboa)*

357 — Dormindo a sesta — *(Foto do sr. Augusto P. Monjardino — Pôrto)*

362 — Parque do Vizela — *(Foto do sr. Manuel Augusto Vaz — Pôrto)*

363 — Beira Alta — Uma rua — *(Foto do do sr. José de S. Brandão — Lisboa)*

364 — «La Porte des Dunes» — *(Foto do sr. José de Almeida Santos—Boulogne-Mer)*

365 — Retrato — *(Foto do sr. Cândido Ferreira dos Reis — Estoril)*

366 — Forte de Cezimbra — *(Foto do sr. G. Pereira — Guimarães)*

367 — Batalha — *(Foto do sr. M. O. N. — Lisboa)*

368 — Faina fluvial — *(Foto do sr. Manuel Alves Sereno — Coimbra)*

369 — A caminho da feira — *(Foto do sr. Manuel Alves Sereno — Coimbra)*

370 — Amanhando peixe na Nazaré — *(Foto do sr. Alvaro Laborinho — Nazaré)*

371 — Já estou um pouco cançada... — *(Foto da sr.ª D. Herminia A. C. Pires — Viseu)*

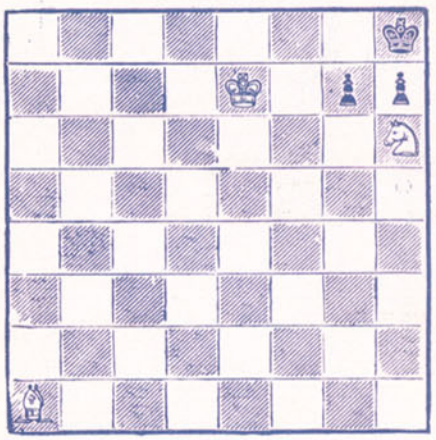
372 — Interior dos Jerónimos — *(Foto do sr. João Rosa — Lisboa)*

373 — Claustro da Sé Velha — *(Foto do sr. F. Fernandes Lobo — Lisboa)*

374 — Crepúsculo — *(Foto do sr. Botelho — Lisboa)*

PROBLEMA DE XADREZ

PRETAS (3)



BRANCAS (3)

Eis aqui uma situação curiosa que consta ter-se dado numa verdadeira partida de xadrez.

As brancas jogaram C 5 B R e tomaram o P C, depois segurando o outro peão, dão mate com as suas duas peças — um embaraçoso caminho para ganhar, considerando que, podem dar mate ao adversário em muito poucos lances. É, de facto, muito fácil ganhar se acontecer darem com a maneira.

PORQUE SE CHAMA "MAÇÃ DE ADÃO" A UMA PARTE DA GARGANTA DO HOMEM?

Diz-se que Adão ficou tão perturbado ao comer o seu quinhão do fruto proíbido que um pedaço da maçã se lhe pegou à garganta. Essa saliencia ficou na garganta do homem, sempre desde então, como uma lembrança e um aviso. Isto é o que reza a tradição; e foi isto que levou os eruditos da antiguidade, ao nomearem essa saliencia, a chamarem-lhe a *maçã de Adão*. Na realidade, a dita saliencia, está relacionada com os orgãos que produzem a voz. É menos proeminente na mulher, não porque Eva tivesse menos escrupulos em comer a fruta, mas simplesmente porque a cartilagem thiroidea se desenvolve quando a voz se modifica no homem.

PENSAMENTOS

O publico é prodigiosamente tolerante: perdôa tudo, menos o genio.

*

Ha romances que são mais faceis ser escriptos do que lidos.

*

Nada é mais perigoso do que ser muito moderno: arrisca-se uma pessoa a tornar-se ultra-*démodé*.

OSCAR WILDE.

FIM DE FESTA

CONDE DE TOLSTOI

A origem e creação do título de conde de Tolstoi dado ao grande escritor russo, universalmente conhecido, está rodeado de curiosas circunstancias.

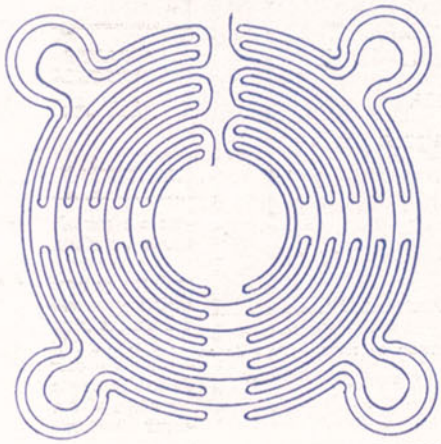
O primeiro que ostentou êsse título foi um guarda de Pedro o Grande, em virtude do cumprimento de uma ordem que lhe déra o seu senhor para que ninguem o incomodasse.

Certo príncipe russo, altíssimo dignitário da côrte imperial, insistiu em infringir essa ordem e, diante da obstinação do modesto guarda que teimava em cumprir o seu dever, o iracundo prócer chicoteou-lhe o rosto.

Inteirado o czar, pelo rumor das vozes, do que se passara, deu ao guarda o seu bastão para que com êle castigasse o príncipe insolente, e quando êste declarou que não podia receber semelhante castigo da mão de um simples soldado, sendo êle general, o monarca no mesmo acto deu ao guarda o título de general e de conde, afim de remediar o inconveniente.

O príncipe, por sua vez, recebeu o castigo com humilde filosofia, e o guarda de Pedro o Grande ficou sendo o primeiro Conde de Tolstoi.

LABIRINTO



A CARICATURA LÁ FÓRA

Ele para a mulher: — Só agora me lembrei de que deixamos o «Kodak» em casa...

PALAVRAS CRUZADAS

(Solução)

C	A	L	D	O	■	C	O	S	E	R
A	Ç	Ã	■	■	P	■	■	E	L	E
D	O	■	S	A	I	D	A	■	O	S
Ó	■	C	A	M	O	E	C	A	■	T
S	■	A	V	O	■	A	L	I	■	O
■	A	T	É	■	■	■	A	R	O	■
O	■	R	I	O	■	I	R	Ó	■	U
I	■	E	R	V	A	Ç	A	L	■	L
R	E	■	O	A	S	I	S	■	T	E
O	R	A	■	■	A	■	■	F	I	M
S	A	R	A	R	■	R	U	E	L	A

BRIDGE

(Solução)

B começa por uma carta baixa de copas, que A corta, jogando em seguida trunfo para dar ao parceiro uma balda em oiros ou paus. Na segunda vasa D balda-se a oiros e A joga a seguir tambem oiros. B pega com o Az e põe na mesa o Az de copas, sobre o qual tanto C como A deitam paus. A C convém guardar oiros e a D copas; por isso o jogo deve ser o seguinte: B joga uma carta baixa de copas, A corta e em seguida trunfa. B balda-se a copas e D a paus. A põe então na mesa o 4 de paus, fazendo B o Az e por ultimo o 2 de paus.

ANEDOTAS

Um amigo participa em telegrama um desastre ao pae da victima:

«Casimiro afogado; socegue o espirito. — *Vitorino.*»

— * —

— Sua mulher sofreu muito tempo? — perguntou o medico.

— Desde que nos casámos — respondeu o viuvo, tristemente.

— * —

— Olá, meu caro Lopes! Que tal está o frio, hoje?

— Está levado do diabo!

— E tua mulher?

— Pouco mais ou menos, a mesma cousa!

— * —

— Nem sempre é a mulher que tem a ultima palavra, pois não é verdade?

— E' verdade. Muitas vezes ela tem de falar com outra mulher.

— * —

— Conheces minha sogra?

— Não; não tenho esse gosto.

— Esse gosto! Como eu vejo, que não a conheces!...

— * —

Uma velha feia agradece a um pintor ainda novo o retrato que lhe fez.

— O senhor é um pintor consumado, como não pode haver, melhor; é, na verdade, um grande artista...

Ao que êle responde *modestamente*:

— Oh minha senhora, por quem é! V. Ex.ª exagera. Eu conheço-me perfeitamente. Não passo, por enquanto, de um *pinta monos!*...

Proteja a saude de sua familia instalando em sua casa um

GENERAL ELECTRIC Refrigerator

A marca GENERAL ELECTRIC é a melhor garantia de boa qualidade d'um aparelho electrico

Os alimentos sempre em perfeito estado de conservação

Gelo, sorvetes, saladas de fruta, etc.

O armario frigorifico simplificado

Uma simples tomada de corrente basta

O Refrigerator automaticamente fará o resto

Concessionario geral para Portugal e Colonias

Sociedade Iberica de Construções Electricas, L.da

Praça Luiz de Camões, 36, 2.º, Dt.º – LISBOA – Telef. 2 5347

Visitem a nossa Exposição na

Antiga casa JOSE' ALEXANDRE — Rua Garrett, 8 a 18

Saiu a nova edição

ESTUDOS SOBRE O CASAMENTO CIVIL

POR

ALEXANDRE HERCULANO

1 volume de 284 paginas { brochado. . . . . 10$00 / encadernado . . . . . 14$00

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

NOVA EDIÇÃO

Touros de morte

POR **BLASCO IBAÑEZ**

Um dos mais interessantes livros deste autor

1 volume de 384 pags., brochado . . . **10$00**
encadernado . **14$00**

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

A' venda a 9.ª edição

DE

Doida de Amor

NOVELA

por ANTERO DE FIGUEIREDO

«Conhece-se através dêste livro o psicólogo subtil, penetrante, escrupuloso, exacto, capaz de percorrer quilómetros sobre uma folha de rosa, de explicar em vinte volumes de análise a sombra furtiva de um capricho de mulher».

—**Julio Dantas.**

1 vol. de 276 pags., brochado
10$00
Encadernado **14$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75—LISBOA

COLECÇÃO FAMILIAR

VOLUME BROCHADO **Esc. 7$00**

P. B.

VOLUME ENCADERNADO **Esc. 12$00**

Romances morais proprios para senhoras e meninas

Esta colecção, especialmente destinada a senhoras e a meninas, vem preencher uma lacuna há muito sentida no nosso meio literário.

Nela serão incluídas sòmente obras que, embora se esteiem na fantasia e despertem pelo entrecho romântico suggestivo interêsse, offerecem também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrifício, de grandeza de alma, de tudo quanto, numa palavra, deve germinar no espírito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade, ataviando-a de encantos e de seduções, quer, desabrochada em flôr após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãi de família, educadora de filhos e escrínio de virtudes conjugais.

VOLUMES PUBLICADOS:

M. MARYAN

Caminhos da Vida. Em Volta dum Testamento. Pequena Raínha. Dívida de Honra. Casa de Família. Entre Espinhos e Flôres. A Estátua Velada. O Grito da Consciência. Romance de uma herdeira. Pedras Vivas.

VOLUMES NO PRELO:

Casa sem Porta. A Pupila do Coronel.

PEDIDOS À **S. E. PORTUGAL-BRASIL**
Rua da Condessa, 80—LISBOA

DICIONÁRIO DO Football Associação

ILUSTRADO COM 37 GRAVURAS

Com a apresentação do **Dr. Salazar Carreira**

Contendo termos técnicos ingleses e seus equivalentes em português. Regras do jogo e casos de deslocação

Livro indispensável a todos os amadores de football

1 vol. enc. com capa a ouro com cêrca de 100 págs. . . . . 7$00

PEDIDOS A
S. E. PORTUGAL-BRASIL
— Rua da Condessa, 80, 1.º — Lisboa —

A' VENDA EM TODAS
AS BOAS LIVRARIAS

A 2.ª EDIÇÃO

DO

TOLEDO

IMPRESSÕES
E EVOCAÇÕES

por ANTERO DE FIGUEIREDO

1 Volume de 226 páginas
brochado Esc. 10$00
encadernado » 14$00

PEDIDOS AOS EDITORES
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75–LISBOA

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
E FISIOTERAPICO DO ESTORIL

Banhos de agua termal, Banhos de agua do mar quentes, BANHOS CARBO-GASOSOS, Duches, Irrigações, Pulverisações, etc.

FISIOTERAPIA, Luz, Calor, Electricidade médica, Raios Ultravioletas, DIATERMIA e Maçagens.

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS

Consulta médica: 9 às 12
Telefone E 72

Acaba de sair a nova edição

A CATEDRAL

POR **BLASCO IBAÑEZ**

Um dos mais notaveis livros da literatura romantica contemporânea em toda a Europa

1 volume de 338 pags., brochado . . . **10$00**
encadernado . **14$00**

PEDIDOS À
LIVRARIA BERTRAND
73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS
POR
ISALITA

Um volume encadernado com 351 páginas
Esc. **25$00**

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75—LISBOA

NOVO DICIONÁRIO
DA
LÍNGUA PORTUGUESA

Por CÂNDIDO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa, da Academia Brasileira, da Real Academia Espanhola, da Sociedade Asiática de Paris, da Academia de Jurisprudência de Madrid, do Instituto de Coímbra, etc.

QUARTA EDIÇÃO

Muito corrigida e copiosamente aumentada.
O Novo Dicionário é o mais actualizado, autorizado e completo Dicionário da Língua Portuguesa

A aparição do NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, em 1900, foi calorosamente saüdada pela imprensa periódica de Portugal e do Brasil.

Em sessão da Academia das Ciências fêz o elogio da obra o falecido académico Gonçalves Viana, grande autoridade portuguesa em assuntos de lingüística; e a principal corporação literária e científica da visinha nação, a Real Academia Espanhola, que raros estrangeiros recebe no seu grémio, elegeu seu sócio o autor do NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, aprovada a proposta, feita nesse sentido, pelo famoso escritor e diplomata Juan Valera, pelo filólogo e senador Daniel de Cortejar e pelo sábio Mir.

Podemos afirmar que o autor, à custa de longas e incalculáveis fadigas, conseguiu reünir, em tôdas as esferas da actividade e do saber humano, cêrca de 130.000 vocábulos portugueses que ainda não estão registrados nos menos incompletos e menos imperfeitos dicionários da língua pátria.

Um dicionarista conhecido, cuja obra abrange realmente numeroso vocabulário, ufana-se de que o seu dicionário abranja 66.000 vocábulos. Acrescente-se a esta cifra mais 53.613 e entrever-se-á que os vocábulos reünidos pelo sr. *Dr. Cândido de Figueiredo* no NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, abrange nesta nova edição um número que atinge *119.613 vocábulos ou artigos.*

2 grossos vol. sòlidamente enc. em carneira 250$00

PEDIDOS À **S. E. PORTUGAL-BRASIL**
Rua da Condessa, 80—LISBOA

A' venda a 2.ª edição

A batalha sem fim

ROMANCE

POR

AQUILINO RIBEIRO

1 vol. de 308 págs., brochado . . **12$oo**
Encadernado . . . . . **16$oo**

PEDIDOS Á
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

PAULINO FERREIRA
:: ENCADERNADOR-DOURADOR ::
AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ, MOVIDAS A ELECTRICIDADE
CASA FUNDADA EM 1884
Premiada com medalha de oiro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa
TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo
Orçamentos Grátis
Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA
Telefone 2 2074

As Minhas Aventuras pela Europa

POR
Charlie Chaplin (CHARLOT)
INTERESSANTISSIMO LIVRO DO POPULAR
AZ DO CINEMA
1 volume de 250 páginas brochado **10$00**
Á venda em todas as livrarias
Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Saíu a nova edição

C A R T A S

de

ALEXANDRE HERCULANO

2 volumes de 594 páginas, brochado . . . . . 20$00
Encadernado. . . . . 28$00

PEDIDOS À
LIVRARIA BERTRAND
73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

Biblioteca de Instrução Profissional

UMA OBRA DE ALTO VALOR

VOCABULÁRIO

DE

TERMOS TÉCNICOS

EM

Português, francês e inglês

COM 6.318 VOCABULOS

Pelo engenheiro-maquinista
RAUL BOAVENTURA REAL
1 vol. de 557 pags., encadernado
30$00
Pelo correio, registado, mais **2$00**
A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS
Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

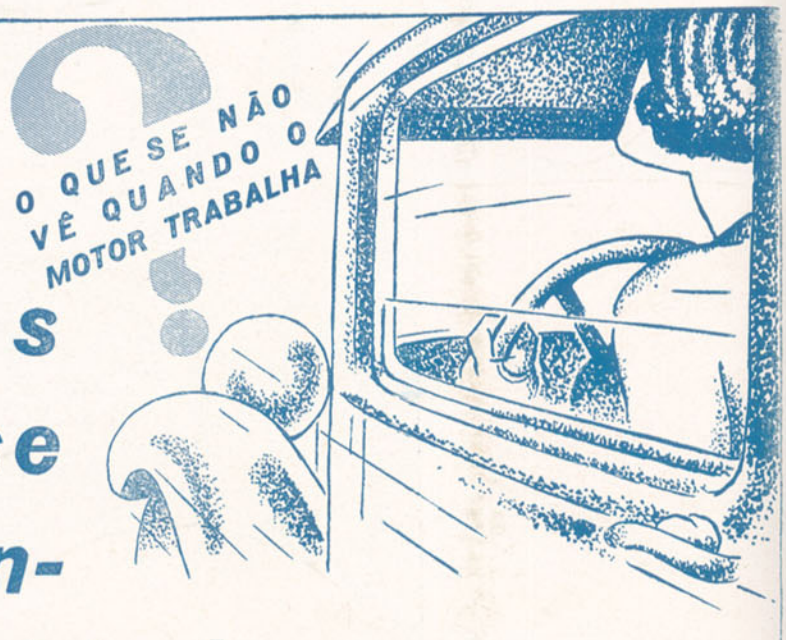
VOCABULARIO ORTOGRÁFICO E REMISSIVO DA LINGUA PORTUGUESA
POR **A. R. Gonçalves Viana**
(Relator da comissão da reforma ortográfica, autor da «Ortografia Nacional» e do «Vocabulário Ortográfico e Ortoépico da Lingua Portuguesa»)
Com mais de 100:000 vocábulos, conforme a ortografia oficial
EM APENDICE: *O acôrdo ortográfico entre a Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras.*
1 VOL. COM 664 PÁG., ENCADERNADO, **15$00**
PEDIDOS À
LIVRARIA BERTRAND
73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

BOLACHAS

Variadas e saborosissimas qualidades

UM UNICO FABRICO
O MELHOR

NACIONAL



Os êmbolos movem-se a tão grande velocidade que...

Os êmbolos movem-se a tão grande velocidade que, mesmo que os cilindros fossem transparentes, não se veriam enquanto o motor funciona.

Imagine V. Ex.ª o que aconteceria ao motor do seu automóvel se de um momento para o outro desaparecesse a película de óleo que protege as paredes dos cilindros! Ficaria destruido ou pelo menos em tal estado que não poderia funcionar de novo, sem uma reparação muito dispendiosa.

Os óleos de má qualidade produzem o mesmo efeito, durante um espaço de tempo mais curto do que em geral se supõe.

GARGOYLE

Mobiloil

Um pouco mais caro — mas vale a diferença

Exija o Gargoyle Mobiloil em latas seladas

Vacuum Oil Company, Inc.

1148